

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

CÁTIA LUIZA ZANOTELLI

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR:  
CONSIDERAÇÕES A CERCA DA UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

CÁTIA LUIZA ZANOTELLI

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR:  
CONSIDERAÇÕES A CERCA DA UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para avaliação da disciplina de Metodologia da Pesquisa, do Curso de pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Medianeira - Câmpus Medianeira.

Orientadora Prof. Dra. Andriele de Prá Carvalho

MEDIANEIRA  
2013



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de  
Ensino



## TERMO DE APROVAÇÃO

O professor de língua portuguesa no ensino superior: considerações a cerca da utilização da tecnologia

Por

**Cátia Luiza Zanotelli**

Esta monografia foi apresentada às 19:40 h do dia 22 **de novembro de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

ANDRIELE DE PRÁ CARVALHO

Prof<sup>a</sup>. Dra. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

CIDMAR ORTIZ DOS SANTOS

Prof Dr. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira

CLAUDIMARA CASSOLI BORTOLOTO

Prof<sup>a</sup>. Me. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre me fez acreditar na realização dos meus sonhos e pelo apoio incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, por estar comigo em todos os momentos e iluminando-me, sendo meu refúgio e fortaleza nos momentos mais difíceis. A ele minha eterna gratidão.

A minha orientadora professora Dra.. Andrielle de Prá Carvalho pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço, especialmente, a minha mãe, pelo apoio para que eu concretizasse essa pesquisa.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hipercorpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hipercorpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquartejados, nesse imerso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo de ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero Humano”. (Pierre Lévy, 1956 )

## RESUMO

ZANOTELLI, Cátia Luiza. O professor de Língua Portuguesa no Ensino Superior: considerações a cerca da utilização da tecnologia. 2013. 84 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Admitimos que ainda há contestações entre os docentes em torno da educação com as novas tecnologias da informação e comunicação nas práticas educacionais mesmo no Ensino Superior e que a produção oral ou escrita é o principal meio de comunicação do ser humano. Deste fato, propomos com este trabalho esclarecer aos docentes que a intervenção tecnológica e a produção textual tendem a ser elementos conjuntos para o ensino-aprendizagem no ensino superior. Nosso estudo está fundamentado com uma introdução sobre o contexto do Ensino Superior atual que investiga desde o perfil do professor até ao do aluno, bem como o significado de texto, variação linguística e o avanço da tecnologia no mundo. No que se refere à metodologia de trabalho, foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica qualitativa, uma análise por questionários destinados aos professores que lecionam a língua portuguesa no ensino superior nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Gestão Comercial, bem como para os alunos dos respectivos cursos, e, a reflexão sobre todo o material pesquisado e coletado. Os resultados demonstram que os profissionais da educação acadêmica, excepcionalmente, devem se adaptar às novas formas de aprendizagem, da educação continuada e da formação constante, pois a imensa gama de informação obriga o educador a reavaliar as estratégias pedagógicas em uso, as capacidades ambicionadas de seus alunos, bem como o papel que exercem frente às metodologias de ensino, as quais sempre deverão abordar a produção textual em diversos contextos e formas.

**Palavras-chave:** educação, didática, produção textual.

## RESÚMEN

ZANOTELLI, Cátia Luiza. Profesor de Lengua Portuguesa en la Educación Superior: consideraciones sobre el uso de la tecnología. 2013. 84 folhas. Monografía (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Reconocemos que aún hay disputas entre los maestros sobre la educación con las nuevas tecnologías de la información y la comunicación en las prácticas educativas en la educación superior e incluso la producción oral o escrita es el medio principal de comunicación humana. A partir de esto, se propone en este trabajo, aclarar los profesores que la intervención tecnológica y la producción de elementos textuales Suelen ser colecciones para la enseñanza y el aprendizaje en la Educación Superior. Nuestro estudio se basa en una introducción sobre el contexto de la actual investigación de la educación superior ya que el perfil del profesor al alumno, así como el significado del texto, la variación lingüística y el avance de la tecnología en el mundo. Con respecto a la metodología de trabajo, fue revisado la teoría, se desarrolló cuestionarios cualitativos de análisis para los profesores que enseñan la Lengua Portuguesa en los cursos de educación superior en Administración, Contabilidad y Dirección de negocios, así como para los estudiantes de los respectivos cursos y la reflexión sobre el material investigado y recogido. Los resultados muestran que los profesionales de la educación académica, excepcionalmente, deben adaptarse a las nuevas formas de aprendizaje, educación continua y capacitación constante, debido a la amplia gama de información que obliga al educador reevaluar las estrategias de enseñanza utilizadas, las capacidades de sus alumnos, así como el papel que juegan en contra de la metodología de la enseñanza, que siempre deberán trabajar de la producción textual en diferentes formas y contextos.

**Palabras clave:** educación, enseñanza, producción de texto.

## LISTA DE FIGURAS



Figura 1 – Processo da Linguagem .....	44
Figura 2 – Hipóteses Handragógicas.....	21

Tabela 1 – Questionário aos professore.....	56
Tabela 2 – Questionário aos alunos.....	63

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. ESTUDO: ENSINO SUPERIOR, LÍNGUA PORTUGUESA E TECNOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO.....	14
2.1.1 Um Olhar Sobre O Aluno E O Professor Do Ensino Superior .....	15
2.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: A BASE DO ESTUDO .....	21
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO SUPERIOR .....	26
2.3.1 Concepções De Linguagem .....	27
2.3.2 Leitura .....	28
2.3.3 Comunicação .....	30
2.3.4 Análise Linguística .....	31
2.3.5 Produção Textual: Oralidade E Escrita .....	37
2.4 O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM .....	43
2.5 MODELOS DE TECNOLOGIA PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM .....	44
2.6 A INOVAÇÃO NOS MÉTODOS DE ENSINO .....	47
2.7 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: NOVOS TEXTOS.....	50
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>52</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	52
3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA.....	53
3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	53
3.4 PROCEDIMENTO DE TRABALHO .....	54
<b>4. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>54</b>
4.1 QUESTIONÁRIOS.....	55
4.2 O QUE DIZEM OS PROFESSORES.....	56
4.3 QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS .....	62
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A habilidade de comunicação, seja ela na linguagem falada, escrita ou corporal, sempre gera admiração, apreço e delinea uma boa imagem. Espera-se que o aluno conclua o Ensino Fundamental, conhecendo uma língua prática e tendo indícios culturais para atuar na vida social, tanto em situações formais como em situações informais e é por isso que a educação ensinada na escola é um assunto tão discutido atualmente.

Ao ingressar no Ensino Superior, percebemos que alguns discentes desenvolveram bem as habilidades com a Língua Portuguesa e outros nem tanto, isto é, grande porcentagem, entra na universidade com um embasamento de ensino que é criado durante toda a educação básica brasileira e permanece no ensino superior: a meta é decorar o que vai cair na prova para conseguir notas e se aprovado no final do período.

Assim, buscamos com esse projeto, realizar uma análise dos planejamentos das matérias que envolvam a língua portuguesa dos cursos superiores de Administração, Ciências Contábeis e Gestão Comercial especificamente de duas instituições. Para isso, serão utilizados questionários direcionados aos alunos e aos professores que lecionam estas disciplinas, além de referenciais teóricos para fundamentar a pesquisa, a fim de analisar as metodologias e recursos utilizados nas aulas. Objetivamos ampliar o conhecimento e motivar o professor, a ponto de esclarecer que a tecnologia e a prática da língua portuguesa não são atos isolados do ambiente escolar superior e que o docente deve estimular o aluno à compreensão desta disciplina que é importante para a formação profissional.

Notamos muitas vezes, em algumas salas de aula, que acontece apenas a mera reprodução de conhecimentos, sem um questionamento ou críticas. Sentimos que a imagem do professor como mestre está se perdendo. Pensamos que alguns educadores procuram utilizar a tecnologia almejando criar algo diferente para as aulas. De fato, os elementos básicos da Tecnologia da Informação compreendem uma infraestrutura de ponta. No entanto, a tecnologia, por si só, é simplesmente uma instrumento. Para ser produtiva precisa estar ligada a uma direção visionária, decisão cautelosa e mediadores capacitados. Só assim acrescentarão valor e não sendo somente modismos.

Apesar de sabermos disso, ainda ratificamos contestações entre os docentes em torno da educação com as novas tecnologias da informação e comunicação nas práticas educacionais. Partindo do pressuposto de que a língua portuguesa, oral ou escrita, é o principal meio de comunicação do ser humano, pretendemos direcionar nosso estudo à importância da harmonização dessas técnicas no ensino superior.

Como profissional da docência, escolhemos essa temática pelo fato de a tecnologia como informação ser um dos temas abordados no curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino e a língua portuguesa estar presente em quase todos os cursos superiores, além de fazer parte da nossa formação na graduação. Como nos planos para o futuro está o de ingressar como docente no ensino superior, sentimos a necessidade de instigar o aluno a interessar-se pela língua portuguesa como veículo profissional e pessoal, muitas vezes não percebido na educação fundamental.

Muitos docentes ainda acham que o dever de orientar os alunos a uma adequada comunicação, escrita ou falada, é somente do professor de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Acreditamos que esse seja o primeiro erro, a forma como as instituições educacionais superiores vêm tratando a prática profissional da língua portuguesa, quase sempre visando apenas à atribuição de uma nota e em poucos períodos do curso.

Em decorrência dessa falta de atenção dada a língua portuguesa, muitas vezes apresenta-se uma imagem insatisfatória de alunos que chegam ao mercado de trabalho, despreparados para a utilização da língua em condições distintas, isto é, muitos professores não consentem em ensinar a produção textual como uma prática de linguagem em que o estudante realmente se sinta sujeito do seu dizer e tenha consciência de formas diferenciadas para transmitir o que tem a proferir.

Mesmo com toda tecnologia à nossa disposição (que só tende a aumentar), ainda vemos professores despreparados para utilizá-la, tanto para a prática da língua materna, como para qualquer outra área. Desta forma, mesmo estando inserida em diversos meios, acaba sendo ineficiente pelo despreparo do profissional.

Neste caso temos como principal objetivo, analisar como, os professores estão utilizando a tecnologia e se fazem uso dela, para a prática do ensino da língua portuguesa na formação profissional e se esta tem contribuído no processo de ensino-aprendizagem. Logo, torna-se necessário mapear as disciplinas que utilizam como base a língua portuguesa nos cursos superiores de administração, ciências contábeis,

gestão comercial, verificar se existe o uso de alguma tecnologia no processo de ensino da língua portuguesa nas disciplinas dos cursos superiores de administração, ciências contábeis e gestão comercial e por último, analisar, se utilizada a tecnologia, se esta tem contribuído para o processo de ensino-aprendizagem.

Reconhecendo o trabalho e compreendendo as possíveis dificuldades dos profissionais e dos aprendizes, visamos averiguar a importância devotada ao uso da tecnologia para a prática da produção textual no ensino superior, a fim de opinar sobre a possível eficiência e ou ineficiência desse meio no processo de ensino-aprendizagem.

## **2. ESTUDO: ENSINO SUPERIOR, LÍNGUA PORTUGUESA E TECNOLOGIA**

## 2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Desde os anos 70, a educação no Brasil peregrina para uma massificação, isso por causa da atuação de contínuos governos. O aumento da procura ao ensino fundamental e médio denotou a opção pelo ingresso da população no processo educacional. Para a classe alta era melhor transformar o processo educativo não crítico, pois assim continuava o nefário sistema de exclusão social.

Nos anos 80, o Brasil começa a amoldar-se ao modelo neoliberal. Todavia, quando Fernando Collor é eleito acontece uma maior porta para esse novo padrão. Essa nova visão de mundo introduz nas instituições escolares a lógica do estudo para o mercado, entusiasmando todos os graus de educação, em específico, a educação superior. “Ou seja, o processo resultante de uma nova fase de reestruturação capitalista é marcado por políticas de centralização, de diferenciação e de diversificação institucional e, especialmente, de privatização da esfera pública”. (DOURADO, 2002, p. 236)

Mas, a partir da década de 90, em razão da reforma do Estado as políticas públicas fizeram intervenções e a LDB, Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi criada. Esse documento reserva para a educação superior um conjunto de princípios que sugerem transformações para esse nível de ensino.

Portanto, de acordo com o art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Superior tem por finalidade:

- I. estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II. formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III. incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV. promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V. suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

- VI. estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII. promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

As instituições de Ensino Superior são divididas pelo Ministério de Educação do Brasil (MEC) em: públicas (federais, estaduais e municipais) e privadas (comunitárias, confessionais, filantrópicas e particulares).

O Conselho Nacional de Educação distingue a variedade dessas criações de ensino:

as quais podem ser: oferta de ensino de graduação em uma ou múltiplas áreas, envolvendo um ou mais objetivos educacionais, tais como formação geral ou especializada, formação profissional voltada para o mercado de trabalho, formação acadêmica e em pesquisa; oferta de formação em pós-graduação lato ou stricto sensu; oferta de cursos sequenciais e de extensão; desenvolvimento de atividades práticas e de pesquisa integradas à formação em nível de graduação, como instrumento para preparação de profissionais críticos e aptos ao permanente autodesenvolvimento intelectual; desenvolvimento de pesquisas voltadas para o desenvolvimento regional; desenvolvimento de pesquisas nas áreas tecnológicas, básica e humanística, destinadas a promover o avanço do conhecimento em campos específicos do saber, em colaboração com a comunidade científica e intelectual internacional; prestação de diferentes serviços à comunidade, de acordo com a sua competência e capacidade; diferentes combinações desses e de outros objetivos (STALLIVIERI, s-d, p 13).

### 2.1.1 Um Olhar Sobre O Aluno E O Professor Do Ensino Superior

Diferente das demais modalidades de ensino, a educação para o Ensino Superior trabalha com um grupo que tem uma personalidade formada e experiência de vida. Abordar questões pautadas aos educadores de adultos é mais delicado do que a própria educação em questão. Os educadores desse público têm papel fundamental na evolução da oferta dessa modalidade e no projeto social de democratização do ensino.

Conforme Magalhães, Oliveira e Duarte (2010), a todo momento surgem cursos, vagas e instituições de Ensino Superior, motivo que leva ao aumento da inquietação com a temática voltada a formação de docentes para este nível de estudo.



Muito se fala em inovar os métodos de ensino, criar aulas mais dinâmicas e interessantes para o aluno. Todavia, inovar é um desafio, pois de acordo com Castanho, (2000, p. 28) é “a ação de mudar, alterar as coisas, pela introdução de algo novo”. Inovar não deve ser equivocado com fantasiar, que reflete como algo não é real, ou com descobrimento, que significa ato de localizar o que existe e não era visto. Como resultado, a inovação é o emprego de conhecimentos já existentes ou já descobertos, à ocasiões reais, no entanto, como afirma Castanho (2000), para um professor passar o que sabe aos seus alunos, não há uma aplicação descrita nem definida, então não exige técnicas e instrumentos.

Mesmo não havendo uma receita sobre os métodos utilizados, Pelissari (2011) apresenta três itens que podem direcionar a qualidade do serviço do professor, levando em conta as competências e habilidades necessárias, sobretudo, para o Ensino Superior. São eles: investigar – pesquisar para agir, resolver problemas concretos e trocar ideias com os colegas de trabalho. De acordo com Pelissari (2011), esses pontos estão ligados, diretamente, a práxis (relação teoria e prática), a didática (devo ter habilidades e competências) e a postura do professor (como lido com meus alunos, ou seja, relações interpessoais).

Sabe-se que não há como ignorar os meios midiáticos, a tecnologia, pois a informação e a comunicação se dão através deles. Em virtude disso, Garcia (2005, p. 2) ressalta que “isso faz com que a escola, mais do que nunca, tenha por missão contribuir para que o aluno desenvolva habilidades e competências que lhe permitam trabalhar essa informação: selecionar, criticar, comparar, elaborar novos conceitos a partir dos que se tem.”

Em relação ao envolvimento e ao compromisso do educador, Freire (1979) sugere que os educadores precisam agir de modo à “não neutralidade”. Eles são os agentes da transformação, por isso, não podem se omitir sem se pronunciar e entrar na luta pela causa que representam:

Ao tratar da questão dos educadores como agentes de mudança, ou, para utilizar a terminologia de Giroux “intelectuais transformadores” (Giroux, 1988), Freire não apenas enfatiza um estilo de ensino democrático, mas, também algo assemelhado a uma relação orgânica”, no sentido gramsciano do termo, entre os educadores e a classe ou grupo de pessoas com que estão tratando. Na concepção freireana da relação entre educador e educando, as diferenças entre ambos tem de ser diminuídas até onde for possível (MAYO, 2004, p.66).

Analisando como Mayo (2004), o educador é quem responde pela mediação do conhecimento historicamente acumulado com o educando para que ele possa ser estudado. Portanto, podendo entender o mundo e cogitar sobre ele, buscando vê-lo com um olhar distinto. Essa mudança de apreensão converte os conhecimentos dos educandos.

De acordo com Freire, muitos sujeitos são bloqueados, de forma intencional, de poderem refletir. “O papel do educador é fazer que esses sujeitos atuem e reflitam sobre o mundo, humanizando o homem” (FREIRE, 1979, p.18). Outro posicionamento prescrito pelo educador é a não neutralidade (como mencionado anteriormente), é necessário que ele seja um sujeito empenhado, envolvido com alguma causa. A própria neutralidade é um fator negativo ao homem, fora isso o sujeito fica preso, fora do mundo real.

O docente deve ampliar sempre seus conhecimentos. Entender os vários fatores que intervêm na educação. De acordo com Bordenave e Perereira (2002), o aluno aprende sozinho, ninguém pode fazer isso por ele, porém, o professor deve despertar a curiosidade, a motivação do aluno a querer aprender determinado assunto.

De acordo com Masetto (1998, p. 11):

Só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar que a docência, como a pesquisa e o exercício de qualquer profissão exigem capacitação própria e específica. O exercício docente no ensino superior exige competências específicas, que não se restringem a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou ainda, apenas o exercício de uma profissão. Exige isso tudo, além de outras competências próprias.

Em outras palavras, o professor precisa obter uma visão do que realmente o discente de determinado curso precisa ter, é necessária uma atenção especial à essa característica. Sem dúvida, o "papel docente é fundamental e não pode ser descartado como elemento facilitador, orientador, incentivador da aprendizagem". (MASETTO. 1998. p.12.)

Na mesma linha de pensamento, Vasconcelos (2005, p.63) diz que o professor também deve estar em constante estudo, sempre pesquisando, pois isso também "amplia sua consciência sobre sua própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticas sobre a realidade".

Quando se fala em metodologia de aula, espera-se uma receita, entretanto, nenhum autor apresenta esse milagre. Quando o docente descobre semelhanças entre as ocorrências já conhecidas e a nova, é fácil resolvê-la com uma forma de costume. Quando, pelo contrário, a situação é nova ou repentina, são exigidas respostas também novas, que necessitam ser instituídas com agilidade. Neste caso, Perrenoud (1993, p. 21) afirma que a “docência oscila entre a rotina e a improvisação”.

A declaração de que o docente improvisa não denota que ele chega à aula sem prepará-la. A nova resposta é uma maneira de reflexão que procede numa ideia ou ao efeito de criar novamente. Mesmo que não tenha perceptibilidade sobre isso, o professor aproveita seu referencial pedagógico criado, testando novas informações e estratégias que ele considere as mais assentadas àquela situação contígua. Essa descrição traduz o que afirma Perrenoud:

*o habitus é o esforço integrador do professor na prática, contemplando os diferentes elementos numa totalidade harmônica . a situação atual, situações já vividas, o que deveria fazer e não foi feito a partir das teorias e dificuldades (1995, p. 40).*

Pimenta e Anastasiou (2002) acreditam que muitas vezes as características reais dos alunos do Ensino Superior não são objeto de preocupação do professor que, ao entrar na sala de aula, já os identifica como futuros profissionais da área, tendo uma expectativa muito elevada em relação ao desempenho deles.

Ainda como esclarecem Pimenta e Anastasiou (2002, p. 229), “cabe aos professores, institucionalmente organizados, proceder ao conhecimento e à identificação de seus alunos, o que pensam, o que sabem, suas expectativas, a visão que têm do que é ser profissional na área escolhida”. Vale ressaltar a ideia de Pelissari (2011), a qual explica que o aluno do Ensino Superior pode ser também um professor, por exemplo, mas que naquele momento está atuando como aluno, pois deseja aprender algo mais sobre determinada carreira, seja na área em que já atua, seja em outra.

Para Pimenta e Anastasiou (2002), os alunos do Ensino Superior chegam de um modo de ensino que se empenhou para aprontá-los para os vestibulares, atribuindo valor ao princípio da eliminação, ao decorar, ao fazer de tudo para passar no vestibular, não no estudar, isto é, aprender a aprender.

Essa descrição das autoras, nos faz lembrar das aulas de cursinhos pré-vestibular, àquelas em que os alunos procuram para “aprender” o que não aprenderam em todos os anos de escola normal. O aprender é utilizado entre aspas porque na verdade o professor desse tipo de cursinho (pode ser o nosso leitor agora) é obrigado a fazer a sua aula engraçada para que os alunos lembrem de versos e músicas na hora do teste, o que não garante a aprendizagem, e sim a memorização. Isso também é enfatizado por Pelissari (2011), a mesma autora que conclui que é por isso que não podemos protestar dizendo que os alunos exibem a língua marginalizada e têm a carência de domínio da língua materna, que não saibam interpretar textos, já que não foram ensinados a ler e sim a decorar ou cantar.

Pelissari (2011) relata que é importante considerar que há muita diferença entre faixas etárias, tem acarretado para o Ensino Superior cidadãos mais precoces, pouco determinados e preocupados com a aprendizagem, já que ainda não sabem exatamente o que desejam ser profissionalmente.

Dito de outra forma:

Os efeitos desse jogo de expectativas são menos constantes na universidade, ao contrário do que ocorre em etapas anteriores da educação formal. Nossos estudantes são adultos e desenvolvem um processo de aprendizagem menos dependente do contexto (portanto, são menos dependentes dos vínculos estabelecidos em seus professores). Por outro lado, ser menos dependente não impede que as expectativas dos professores constituam importantes condicionantes da aprendizagem do aluno (ZABALZA, 2004, p. 210).

O maior desafio do professor do Ensino Superior, é de fato a Andragogia, ou seja, “a arte e a ciência do adulto aprender” (KNOWLES, 1976, p. 17). Isso que dizer que a motivação do aluno-adulto do Ensino Superior, muitas vezes depende do professor. Por este motivo, Knowles (1976) discute temas que envolvem a aprendizagem do aluno universitário. Aprendizagem é processo que se retroalimenta continuamente. Fazer pedagógico de trocas nas quais os aprendentes respeitando suas potencialidades sentem-se em nível de aprendizagem contínua (STOLZMANN, 1999). Knowles (1976), nessa linha de pensamento, retoma que na andragogia a aprendizagem acontece por meio da AÇÃO-REFLEÇÃO-AÇÃO, isso que dizer que a aprendizagem é centrada no desenvolvimento reflexivo.

É importante que o professor universitário saiba o conceito de andragogia e que com ele saiba trabalhar, pois quando alguém atua porque sua conduta é motivada

pelo prazer que ela encontra nesse comportamento em si, sua confiança cresce, aumenta sua alegria e sua compaixão com os outros; se a conduta é motivada por violências ou por presentes, ela pode sentir incerteza, frustração e certa alienação (CSIKSZENTMIHALY, 1997).

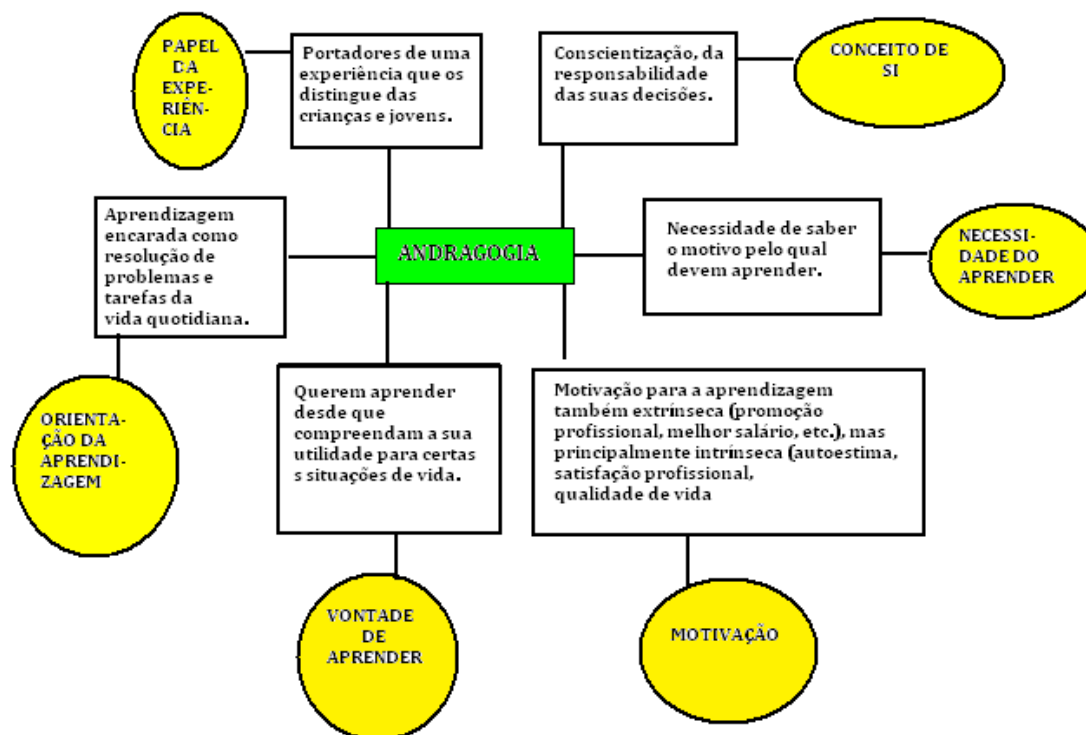
Para evidenciar como funciona o ensino na andragogia, elaboramos uma ilustração. Nela, percebemos que a obtenção essencial do conhecimento acontece por meio do desenvolvimento das competências, no decurso da resolução de problemas e com o recurso baseado na experiência de vida (KNOWLES, 1976).

Entendemos ainda, que como descreve Pozo (2002), os adultos são sensíveis aos fatores externos, mas são os internos que os motivam a aprendizagem, isto é, a curiosidade, o interesse pelo assunto e a vontade de estudar ocorre quando o adulto relaciona isso com sua vida particular.

Nessa visão, descrevendo o que a professora Dra. Maria Ephigênia mencionou em suas aulas, a função do professor e a função do aluno são estabelecidas por meio de interações e de afinidades, em que o educador faz intermédio entre objeto do conhecimento e o aprendiz. Tanto a função do aluno como a do professor são importantes na construção do conhecimento.

De acordo com esse pensamento, a motivação e a importância da aprendizagem são concebidas, tanto professor como aluno está realizado.

Vejamos o esquema:



Universidade Paulista UNIP - Aulas de "Construção do Conhecimento e Teorias da Aprendizagem" com professora Dra. Maria Ephigênia de Andrade Cáceres Nogueira

Percebe-se que as partes coloridas em amarelo, resumem os quadrados das descrições que animam o aluno adulto a aprender. É o reflexo do que relata Pozo (2002), ou seja, que o ser humano continua a crescer e a instruir-se por toda sua vida.

## 2.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: A BASE DO ESTUDO

As notícias transmitidas em jornais diários mostram que o mercado de trabalho está cada vez mais indeterminado e requisitado de atuações transformadoras, pois, em muitos casos, o que falta não é emprego, mãos sim mão-de-obra qualificada para efetuar diversos tipos de serviços, mostrando, portando, que a educação brasileira está carente de cidadãos críticos, participativos e que esperam cada vez mais pela realização de suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas.

A diversidade linguística que existe nas salas de aula é medida, de forma múltipla, de maneira negativa pelos docentes, e o encontro das diversas variantes linguísticas na escola não acontece da melhor forma para que se promova o enriquecimento. Como esclarece Cardoso (1992, p. 127), esse encontro ocorre “[...] como forma de esmagamento das individualidades e das regionalidades ou, até mesmo, de opressão social”. Dito em outras palavras, na escola,

“[...] variações são concebidas, pelo professor em geral, como “erros”. E a atuação desse professor, ou seja, a forma como ele procede diante de “erros”, a que ele atribui como causas a esses, como os explica e como didaticamente tenta resolvê-los parece não atender linguística e pedagogicamente às necessidades dos alunos, nem corresponde ao que os estudos nessa área preconizam como o mais indicado” (PAVIANI; DAMIANI, 2001, p. 155-156).

Preocupando-se com a educação e tendo em vista a volubilidade de regiões, culturas e políticas do Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos baseados na prática pedagógica do Ensino Fundamental, elaborados para servir de apoio às questões e para o progresso do projeto educativo de cada escola, dando dicas de planejamento de aulas, analisando materiais didáticos e adicionais tecnológicos para alunos e professores usufruírem e também cooperarem com o ensino modernizando métodos utilizados.

No que tange à Língua Portuguesa (doravante LP), o documento preocupa-se com o aluno, considerando suas aquisições anteriores ao processo do ensino formal. Sugere aos professores procedimentos que, se empregados, visam melhor aproveitamento das aulas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, como afirma Piletti, (2007, p.89):

propõem uma mudança de enfoque em relação aos conteúdos curriculares: em vez de um ensino em que o conteúdo é visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que o conteúdo é visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos.

O documento das DCE, outro texto institucional, é disponibilizado na à Rede Pública Estadual de Educação pretendendo reforçar a Educação Pública do Paraná, na esperança de conseguir proporcionar um ensino digno para as crianças e os adolescentes do estado.

Para o ensino de LP, as Diretrizes Curriculares exprimem que:

O ensino da Língua Portuguesa seguiu e, em alguns contextos ainda segue, uma concepção de linguagem que não privilegia, no processo de aquisição e no aprimoramento da língua materna, a história, o sujeito e o contexto, como destaca Travaglia (2000), pautando-se no repasse de regras e na mera nomenclatura de gramática tradicional (DCE, 2008, p.48).

Há diferentes áreas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História etc.) que compõem o trabalho escolar e, para cada uma delas há nos PCN propostas variadas, buscando o bom resultado do ensino básico. Na Língua Portuguesa, é priorizado o ensino do domínio da língua e da linguagem, critério rudimentar para a formação de um cidadão. No intuito desta preparação, diligencia-se para o aluno participar das atividades, lendo, escrevendo, expressando-se oralmente e refletindo sobre os fenômenos da linguagem sem condenar os preconceitos linguísticos.

Não se pode esquecer que é através da convivência com a sociedade, com o mundo global, com as referências locais e com o contato com outros seres humanos que o indivíduo constrói sua identidade. A propósito, é na adolescência (paralelo ao tempo que o aluno cursa o 3º e 4º ciclos, 5ª a 8ª séries ou 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental) que a pessoa começa a questionar-se com interrogações do tipo: “quem sou eu?”, “Quem mais vive no mesmo universo que eu?”, “Como é a minha família?”, “O que me diferencia dos bichos?”, “eu sou ou não criança?”, e tantas outras.

Estender a competência da escrita e da linguagem oral é papel primordial de um professor de Língua Portuguesa e, para tanto, é necessário um estudo metucioso, sabendo lapidar o texto escolhido para a mediação de informações.

Segundo Almeida Filho (2007, p. 64), uma língua materna “[...] é uma língua que se presta à comunicação ampla desde a casa, passando pela rua até a escola e os meios culturais. Ela é uma língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural da pessoa [...]”. Porquanto, opina que ensinar essa língua “[...] não mais se resume ao ensinar o seu sistema gramatical e a nomenclatura correspondente (ensinar sobre a língua-alvo, ensinar metalinguagem)” (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 64).

Essa abordagem ultrapassa o conhecimento formal da língua, expandindo-a em suas especificidades contextuais e culturais. Levando-se em conta o grau de conhecimento do aluno e as diferentes aptidões dele, o professor pode direcionar seu planejamento e a seleção do texto utilizado em sala de aula, podendo ser de diversos tipos e gêneros, procurando expor as intenções do emissor. Na medida em que a



leitura é praticada, ela deixa de ser um ato decodificado para ser um ato cognitivo, isto é, uma leitura na qual leitor compreende os pensamentos do autor.

Muitos conhecimentos se operam nas práticas de linguagem, mas, antecedente a ela, os PCN sugerem que aconteçam alguns procedimentos e um deles é a seleção de gêneros textuais:

A grande diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino; assim, uma seleção é necessária. Neste documento, foram priorizados aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social, encontrando-se agrupados, sem função da sua circulação social, em gêneros literários, de imprensa, publicitários, de divulgação científica, comumente presentes no universo escolar (PCN, 1998, p.53).

Desta maneira, subjacente às práticas de leitura e escuta de textos, será organizada uma tabela com os gêneros que serão trabalhados. Exemplificando isto, podemos citar como nos PCN (1998), que na prática da linguagem oral e na prática da linguagem escrita, os textos de imprensa são: “linguagem oral - comentário radiofônico, entrevista, debate e depoimento e linguagem escrita - notícia, jornal, artigo, reportagem, carta do leitor, entrevista, charge e tira” PCN (1998, p.54).

Feito isso, são varias as identificações que podem ser feitas na escuta de textos orais como:

- Compreensão dos gêneros orais previstos para os ciclos articulando elementos linguísticos a outros de natureza não verbal;
- Identificação de marcas não discursivas para reconhecimento de intenções, valores, preconceitos veiculados do discurso;
- Emprego de estratégias de registro e documentação escrita na compreensão de textos orais, quando necessário;
- Identificação das formas particulares dos gêneros literários do oral que se distinguem do falar cotidiano (PCN, 1998, p.55).

Com respeito à leitura de textos escritos, os PCN colocam ainda mais sugestões. Algumas delas são:

- Levantamento e análise de indicadores linguísticos e extralinguísticos presentes no texto para identificar as varias vozes do discurso e o ponto de vista que determina o tratamento dado ao conteúdo, com a finalidade de:
  - ✓ Confrontá-lo com o de outros textos,
  - ✓ Confrontá-lo com outras opiniões;
  - ✓ Posicionar-se criticamente diante dele;
- Reconhecimento dos diferentes recursos expressivos utilizados na produção de um texto e seu papel no estabelecimento do estilo do próprio texto ou de seu autor (1998, p. 56-57).

O professor deve ajudar os alunos a executarem uma leitura propensa a críticas para que se tornem preparados às diferentes situações comunicativas da vida cotidiana e para que criem opiniões e possam organizar suas ideias.

Desta forma, conforme as DCE, é importante que a prática pedagógica não seja limitada ao conhecimento de vida do aluno, pois assim, a ampliação da aptidão crítica dele pode ser prejudicada. Nessas diretrizes, o conhecimento da linguagem é baseado nos estudos de Bakhtin, para o qual “o contexto estrutura o interior do diálogo da corrente da comunicação verbal entre sujeitos históricos e objetos do conhecimento” (DCE, 2008, p.30). Em seu pensamento, a linguagem é vista como instrumento de interação social (e não individual) e formadora de conhecimento e que ela praticada oralmente exerce função fundamental.

Para Bakhtin, a palavra é remetida imediatamente para um interlocutor e esta, ao introduzir-se num dado contexto social e situacional, em que os atores sociais são múltiplos, assumirá também seu caráter de variabilidade. Por isso, ela constitui o produto da interação entre locutor e ouvinte, servindo de expressão a um em relação ao outro:

Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2002, P. 113).

O conceito fundamental na teoria de Bakhtin é o dialogismo, que corresponde a toda comunicação verbal, seja ela da forma que for. Porém, para ele, a comunicação só adquire significado real quando inserida num contexto social concreto e preciso:

Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado, (o gesto, a palavra, o grito) a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical etc), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa (BAKHTIN, 2002, p. 117-118).

## 2.3 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO SUPERIOR

A concepção de educação no Brasil, nos é concedida pela LDB. 9394/96, legislação que estabelece o regulamento do sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Conforme esclarecido anteriormente e fundamentado em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Dito de outra forma, a LDB reafirma o direito de todo cidadão à educação. Sendo assim, em seu artigo 21 apresenta a composição dos níveis escolares: educação básica e educação superior. A primeira é a base para a educação profissional, ou seja, de acordo com o artigo 22, tem a obrigação de desenvolver o educando, garantir-lhe a formação comum imprescindível para o exercício da cidadania e providenciar-lhes subsídio para florescer no trabalho e em cursos futuros.

Como o foco deste trabalho é a Língua Portuguesa, a qual deve ser enraizada na educação básica, vale ressaltar como o nível fundamental trabalha com tal questão. Em virtude disso, nos tópicos a seguir, serão expostas algumas reflexões sobre a linguagem, a oralidade e a escrita.

Em suma, de acordo com um artigo escrito por Felipe Jahn, publicado na Revista Ensino Superior, o alunado pode ser estimado como um produto em mutação, que ingressa no Ensino Superior como principiante, isto é, como aprendiz e termina como profissional. É papel da instituição, ou de seus atuantes, cobrar atuação e afeição, mas não vê-lo como um cliente incluso na sala de aula, e sim produto em construção.

Madaleno (2007), ao argumentar sobre a importância da Língua Portuguesa no Ensino Superior, apresenta exemplos de como e onde os profissionais precisam utilizar a língua formal, por exemplo: para escrever relatórios, enviar e-mails e até mesmo conversar oralmente com algum cliente sobre qualquer assunto. Segundo a autora, muitos profissionais têm ainda grande dificuldade em escrever um texto e

também em utilizar a norma culta da língua quando necessário, e, isso se deve ao fato de que a norma culta é bem diferente da língua “*normalmente falada*”.

De acordo com a professora:

“E a falta de domínio do idioma pode comprometer profundamente a imagem do profissional, colocando em dúvida a qualidade de seu trabalho. A imagem negativa projetada pela má comunicação dos funcionários é muito mal recebida tanto pelo público interno como o externo (clientes e concorrentes). Nesse contexto, falar corretamente é fundamental para o sucesso de uma organização, e os empregadores valorizam cada vez mais os funcionários que sabem se expressar com fluência e corretamente.” (MADALENO, 2007, p.1).

Isso que dizer que dificilmente uma pessoa que não “bonito<sup>1</sup>” aos olhos do interlocutor, provavelmente transmitirá um conceito de sujeito mal informado, com baixo nível cultural, ou seja, de alguém que não costuma ler e ter muito conhecimento. É importante descrever, que conforme esclarecer a professora, esses profissionais podem saber muito dentro da sua área de atuação, no entanto, quando não consegue explicar o conhecimento, não consegue mostrar o seu valor para a sociedade.

### 2.3.1 Concepções De Linguagem

A concepção de linguagem teve diversas mudanças com o passar do tempo, sempre houve estudo (e continua existindo) com o intuito de descobrir qual é a concepção correta, ou a que deve ser transmitida em sala de aula.

A primeira, a linguagem como expressão do pensamento, partiu de Cardoso (1999), o qual defendia que “a natureza da linguagem é racional, porque os homens pensam conforme as mesmas leis e que a linguagem expressa esse pensamento” (CARDOSO, 1999, p,16). Para este início de pensamento, a escrita não tinha importância e sim a simples fala, isto é, se o sujeito conseguia expressar-se bem, com as formas coloquiais que quisesse, já era o suficiente.

Dito de outra forma, a linguagem como expressão do pensamento presa que as mesmo as línguas sendo diferentes na pronúncia, são todas feitas das mesmas

---

<sup>1</sup> Neste caso, “bonito” quer dizer a forma como a sociedade espera que o indivíduo se pronuncie, isto é, dentro das regras gramaticais que tornam a comunicação culta.

regras gramaticais normativas, e que por isso, não há como ter incompatibilidade de comunicação. Aqui é preciso que se traduza a mensagem. A respeito deste assunto, Geraldi (1999) afirma que mesmo aprendendo as normas gramaticais (decorando-as) durante todos os anos de estudo, não quer dizer que o sujeito será um bom falante e expositor de ideias, sendo assim:

A sequência em que são trabalhados os conteúdos gramaticais, dificilmente permitirá, ao final de 8 anos de estudos, que o aluno tenha um quadro sinóptico de ao menos uma proposta gramatical (GERALDI, 1999, p.130).

Travaglia (1997) explica que essa é uma outra concepção de linguagem. Agora, a linguagem não é mais apenas uma livre forma de expressão. Agora ela possui o papel de transmitir uma mensagem de emissor a um receptor.

Esta forma de pensamento levou ao ensino repleto de exercícios repetitivos e de preencher lacunas. Esta concepção se iguala a primeira porque ampara a forma gramatical normativa. Portanto, a língua continua com a função de informação levada do locutor ao interlocutor.

Chomsky veio para revolucionar, pois sua teoria é a de que a mensagem dita uma vez, nunca será a mesma depois que sai da mente do locutor. Melhor explicando, a língua é transformada de acordo com o meio do falante. Pode-se dizer que esta forma é a linguagem dos signos, onde ocorre a decodificação. Desta maneira, o pensamento de Chomsky é o contrário das duas concepções anteriores, pois a linguagem é vista como interação humana, na qual os sujeitos ocupam lugares diferentes e falam (GERALDI, 1999).

É neste momento que o ensino da Língua passa a ter o foco nos gêneros textuais e não mais na gramática normativa. É desta forma que como abordado nos PCN, a língua é tratada de forma natural, não artificial, o que privilegia o aluno.

### 2.3.2 Leitura

A leitura é uma ação que pode ser revolucionária na vida de uma pessoa, ela é indispensável para a aprendizagem, pois é por meio dela que podemos enriquecer

nossos argumentos, alcançar conhecimento, dinamizar o entendimento e a interpretação.

Para Bacha (1975) quando se é criança, o ato de ler proporciona a abertura de um mundo totalmente novo e encantador. Todavia, a sua apresentação à criança deve ser interessante, formando uma visão instigante sobre a mesma, de forma que torne um hábito. A leitura desenvolve a competência intelectual do sujeito devendo fazer parte de seu dia a dia e desenvolvendo a capacidade criadora e a sua relação com a sociedade. “A leitura, como o andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado” (Bacha, 1975, p.39).

Como afirma Freire (1982), uma vez que a leitura é exposta à criança ela deve ser cuidadosamente decodificada, interpretada, questionada, pois quase sempre as crianças conhecem a palavra, já ouviram em algum lugar, mas, compreensão dela no contexto não existe.

Criar e alimentar bons leitores é um desafio para os professores das séries iniciais, dos anos finais e para o professor também de ensino superior. De acordo com Nuttal (2000) <sup>2</sup>da mesma forma que as pessoas pensam diferente, definem leitura de forma variadas, o que pode gerar uma certa desordem. Aebersold (1997<sup>3</sup>) sustenta a teoria de que você acha do texto aquilo que você gostaria de achar, isto é, a sua opinião sobre uma leitura pode vir desde o princípio que lhe levou a ler o texto. Para o autor, se você lê algum texto é porque gostaria de adquirir algumas informações, a qual achou que encontraria no texto lido. Isso porque foi instigado por uma figura ilustrativa do texto ou mesmo pelo título do próprio. Desta forma:

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Angela Kleiman, a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor: os linguísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu uso; os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e os de mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de

---

<sup>2</sup> Não encontrada a referência bibliográfica. Este autor ou autora foi citado(a) no Livro 1 da disciplina “Metodologia para desenvolver o hábito da leitura na disciplina de língua inglesa”, deste referido curso de especialização em Educação.

<sup>3</sup> Não encontrada a referência bibliográfica. Este autor ou autora foi citado(a) no Livro 1 da disciplina “Metodologia para desenvolver o hábito da leitura na disciplina de língua inglesa”, deste referido curso de especialização em Educação

conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo (CAROLINA, 2006, p.1)

### 2.3.3 Comunicação

Quando se fala em termos de eficácia da comunicação, pensa-se do quanto o emissor conseguiu conduzir do que estava cogitando. O emissor só consegue comunicar-se por completo, se emissor reconhecer o vocabulário utilizado pelo receptor e fazer uso dele.

Ainda hoje os pesquisadores objetivam chegar a uma conclusão comprovada de como os homens primitivos começaram a pensar em se comunicar. Não se sabe ao certo se foi por berros ou ruídos, por sinais, ou pela junção desses elementos. De qualquer forma, o homem chegou à agregação dos sons e gestos para nomear um objeto, originando o signo, como nos fala Bordenave (1982, p.24):

Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação. Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos.

Como muitos signos foram criados o próprio homem precisou inventar uma forma para organizá-los, se não, os signos não ajudariam a comunicação e sim atrapalhariam. Foi assim que se deu a origem da linguagem de acordo com Bordenave (idem, p. 25) quando afirma que “de posse de repertórios de signos, e de regras para combiná-los, o homem criou a linguagem”. Entende-se que essa linguagem explicada por Bordenave (1982) é a verbal, seja oral ou escrita.

Hoje, sabe-se que as maneiras existentes de comunicação, envolvem os seguintes protagonistas (REYZÁBAL, 1999, p, 58):

- Emissor: quem iniciar o processo
- Código: sinais para se construir uma mensagem
- Mensagem: o que se quer continuar
- Canal: meio que leva a mensagem
- Receptor: aquele que recebe, decodifica e encontra o significado.

Reyzábal (1999) explica que o código verbal tem o objetivo de passar um conteúdo de valor informativo, já o código não verbal é quase sempre empregado para sustentar a relação interpessoal. Portanto, se houver concordância entre elas, o impulso da mensagem é mais forte e a recepção é mais clara. Agora, se for o contrário, ocorre a confusão com o receptor, o sentido real da mensagem é modificado e o conteúdo se torna preponderante.

#### 2.3.4 Análise Linguística

Quando a estrutura específica de uma língua não é dominada por falantes, habituados a outros sistemas de linguagem, é provável que a comunicação sofra alguns embaraços. Contudo, por imperfeição do discurso, os interlocutores da mesma língua podem também não compreender-se. Sabe-se que o uso da língua em relações cotidianas é muito mais informal do que formal, apresentando gírias e coloquialismos, pois a situação comunicativa dos interlocutores depende em grande parte das características sociais e culturais dos envolvidos.

Nessa acepção é que no ensino da Língua Portuguesa pretende-se que o aluno saiba não somente ler e escrever, mas que saiba harmonizar as palavras, construindo-se indivíduos letrados, isto é, aqueles que têm requisitos para intervir-se nas abundantes e diversificadas práticas sociais de leitura e de escrita:

Enfim: a hipótese é que aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transforma o indivíduo a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico, entre outros (SOARES, 2001, p. 38).

É interessante que, para a atividade de análise linguística, os alunos possam usufruir de sua própria linguagem, observando seus textos produzidos, textos ouvidos e lidos e discutindo sobre eles e a linguagem utilizada em cada um, observando os diferentes tratamentos categóricos encontrados.

A língua é empregada de modo heterogêneo, seu uso varia de época para época por diversos fatores como a região, faixa etária, classe social, profissão e, dentro destas, diversificam-se ainda os níveis de variação linguística, podendo ser



fonológico (como a maneira diferenciada de pronunciar as consoantes), nível morfossintático (quando a concordância entre sujeito e verbo não acontece, por ex.) e nível vocabular (como as gírias).

A escrita é um pouco mais complexa que a oralidade e geralmente não é idêntica e logo ninguém escreve como fala. Também, quando se fala sobre a forma correta de escrever e falar, o uso rotineiro da língua não é analisado como sensato; isso porque, em uma sociedade na qual as pessoas valorizam mais a escrita, a propensão é o emprego da língua padrão. Como afirmado nos PCN

Tomar a língua escrita e o que se tem chamado de língua padrão como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola se justifica, na medida em que não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva (1998, p. 30).

De todas as atividades propostas, a mais importante, conforme os PCN é:

a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso de vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições textuais e estruturais em que se dão (1998, p. 28).

Assim sendo, para desempenhar bem sua função, a escola precisa realizar o ensino-aprendizagem não apeteendo que o aluno fale corretamente, mas que ele saiba escolher a melhor forma de utilizar a linguagem nas diferentes circunstâncias de comunicação.

Sistematicamente, é normal, porém não correto, que os demais docentes, não sendo de Língua Portuguesa, critiquem o professor de português quando o aluno não consegue desenvolver um texto sobre determinado assunto ou quando não consegue interpretar a ideia de um problema de matemática. Novamente, quando se fala em formar alunos letrados, pretende-se que ele tenha um conhecimento prévio sobre diversos assuntos, assim, quando se solicita que o indivíduo produza uma descrição sobre algo, ele só escreverá ou falará de acordo com a sua informação sobre o requerido tema.

É neste caráter que, segundo os PCN (1998, p. 32), é dever de todo professor

independente da área, ensinar, também, os procedimentos de que o aluno precisa dispor para acessar os conteúdos da disciplina que estuda. Produzir esquemas, resumos que orientem o processo de compreensão de textos, bem como apresentar roteiros que indiquem os objetivos e expectativas que cercam o texto que se espera ver analisado ou produzido não pode ser tarefa delegada a outro professor que não o da própria área.

Esclarece-se que, ao instruir aprendizagem de domínio da linguagem oral e escrita, o docente tenha transparência para explicar as peculiaridades de cada uma dessas modalidades, o que muitas vezes dificulta a restrição entre elas. Isto significa que, embora uma carta seja escrita, pode ser direcionada ao outro de maneira informal, e uma reunião ou um discurso, embora oral, assemelha-se a uma opinião formal escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem um processo de ensino direcionado ao letramento e à alfabetização, procurando a análise de entendimento do aluno, que seja feita uma associação entre o que está sendo passado e a sua realidade.

Estudos consolidam que a Língua Portuguesa é uma unidade constituída por diversas línguas (Língua Indígena, Língua Africana, Língua Italiana, Língua Alemã etc). Mesmo sabendo que no Brasil há apenas uma língua nacional, notam-se:

diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (PCN, 1998, p. 29).

Por isso, até mesmo em um único ambiente social, as variedades linguísticas são mescladas e muitas vezes, os valores sociais também.

Pensamos que há diferentes requisitos de Letramento <sup>4</sup>dos alunos dos cursos superiores. Neles nos deparamos com alunos provenientes da classe comum, onde eles mesmos passaram pela experiência do tratamento desigual, atribuído pelo não acesso ao arquétipo <sup>5</sup>letrado em sua história escolar anterior.

Admitindo então, que a Língua Portuguesa, sobretudo no Brasil, é dotada de uma variação inumerável e que, de acordo com Possenti (1996), é uma qualidade

<sup>4</sup> Letramento: determinado pelo conhecimento que a criança, adolescente ou adulto tem, isto é, resultado da educação quando se faz uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

<sup>5</sup> Segundo o dicionário Soares Amora, *arquétipo* significa o mesmo que protótipo. Neste caso, nos referimos aos símbolos presentes em nosso inconsciente coletivo, que são comuns a toda uma sociedade. Então, arquétipo é a norma padronizada da sociedade.

constitutiva do fenômeno linguístico, muitos professores podem não saber como cogitar com essa diversidade inserida no ambiente escolar.

A habilidade de comunicação, seja ela na linguagem falada, escrita ou corporal, sempre gera admiração, apreço e delinea uma boa imagem. É por isso, que nas escolas se espera ensinar uma Língua Padrão, denominada nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos como Gramática Normativa, aquele conjunto de normas coerentes impostas pelos autores, dedicadas a ensinar o leitor a falar e escrever sem erros (POSSENTI, 1996).

Como se sabe, existem diversas “línguas portuguesa”, isso porque a língua varia dependendo do espaço social, de uma situação comunicativa para outra, do tempo e do espaço, portanto, cada uma delas é uma variedade do português.

Como sustenta Rodrigues (2004, p.11):

Não há língua que seja, em toda a sua amplitude, um sistema uno, invariado, rígido. Ainda que frequentemente se defina cada língua como *um* sistema de comunicação e os métodos de análise e descrição linguística sejam delimitados em geral a partir do pressuposto de que se opera com uma estrutura bem determinada, sabemos que isso resulta de abstração feita conscientemente a fim de possibilitar um mais imediato domínio da estrutura linguística por parte do investigador.

As pessoas, que vão desde a classe social favorecida, até a alguns professores e demais pesquisadores, estimam chegar a um padrão de língua ideal, aquele empregado nas instâncias públicas, restringindo, é a linguagem utilizada nos livros, nas revistas, nos documentos, nos jornais, em textos científicos e na literatura

Contudo, os linguistas opinam que existe a língua real, aquela que está presente na sociedade e é considerada por eles correta, assim, diferente da língua ideal e fantasiosa, pregada na gramática tradicional.

Como declara Rodrigues (2004,):

Os padrões ideais definem o que se espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações, no caso de elas se conformarem inteiramente com as normas estabelecidas por sua cultura, ao passo que os padrões reais derivam de observações sobre a maneira como as pessoas realmente se comportam em dadas situações (p. 13).

Esclarecendo o significado entre o *real* e o *ideal*, de um lado temos a língua concreta, existente com todas as suas variedades e de outro, um molde, um arquétipo,

uma forma abstrata do que é “certo”, ou melhor, uma visão duvidosa e um tanto artificial.

Britto (1997) afirma que da mesma maneira que aqueles que fazem uso do padrão real da língua sofrem preconceito, as pessoas que são bilíngues também padecem do mesmo mal por dominar mais de uma língua. Muitas vezes, é a própria sociedade que implica essa visão errônea. É interessante rever os conceitos que condizem ao bilinguismo, já que há várias formas preconceituosas vistas nas sociedades quanto ao falar diferente. No caso do bilinguismo, essa imagem pode ser positiva, elogiando um falante bilíngue ou negativa, quando a fala é ridicularizada.

Presentemente, nos deparamos com o número crescente de pais brasileiros que elegem uma educação bilíngue para seus filhos, sendo que, comumente, a segunda língua escolhida é o inglês (MAHER, 2007). Nesse contexto, surgem escolas de imersão em inglês, com a finalidade de que a criança cresça bilíngue, mesmo que não fale a segunda língua em casa. Alguns estudiosos descrevem que uma pessoa bilíngue é aquela que tem capacidade de falar uma outra língua. Mas aí, encetam-se algumas questões, pois quando falamos em habilidade, falamos em ler, ouvir, falar e escrever. Maher (2007) define que ser bilíngue é fazer uso de outra língua. É o controle de duas línguas em qualquer momento.

Geralmente as pessoas são favoráveis ao ensino da língua padrão nas escolas, mas comumente não sabem definir gramática, dizendo apenas que corresponde a um “conjunto de regras” a serem seguidas, o que não é uma explicação errônea; entretanto, seu estudo vai muito além dessas palavras. Para elucidar o conceito e o ensino de gramática, Possenti (1996) explica três formas pelas quais ela pode ser instruída.

A primeira regra é a acolhida nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos, aquele conjunto de normas coerentes impostas pelos autores, dedicadas a ensinar o leitor falar e escrever sem erros, ou seja, recolhe o conjunto de variáveis e aciona qual a classe de maior prestígio social considera melhor. Essa gramática conhecida como *normativa ou prescritiva*, obriga que o verbo esteja concordando com o sujeito, e, por exemplo:

“pôr” que concorda com “eles” no pretérito perfeito do indicativo é “puseram”, e não “pusero”, “pôs”, “ponharam”, “ponharo” ou “ponhou” (POSSENTI, 2006, p. 65).

A segunda, conduzida pelos linguistas é nomeada *gramática descritiva*, a qual procura descrever como é que as pessoas verdadeiramente falam ou escrevem. Todavia, corrigindo o que muitos dizem, os linguistas não “aceitam tudo” na comunicação, apenas estabelecem correspondências, correlações, entre o fato linguístico e a situação social em que ele ocorre, consideram que o estudo de qualquer variedade da língua é interessante e importante, desde que ela tenha sido, ou seja, empregada por uma comunidade.

A terceira definição é a *gramática internalizada*, um sistema de normas, unidades e estruturas que “habilitam o falante a produzir frases e sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis” (POSSENTI, 1996, p. 69). Como modelo, podemos falar que os falantes do português do Brasil têm em sua memória a regra que permite a palavra *um* antes da palavra *jornal* ou *prédio*, mas não antes da palavra *revista* ou *casa*. Deste modo, não falamos “*um revista*” e sim “*uma revista*”, nem “*uma prédio*” e sim “*um prédio*”. Estes são conhecimentos ensinados na infância, no convívio familiar, e não na escola, isto é, o conhecimento que memorizamos sem perceber.

Se refletirmos sobre essas diferentes regras gramaticais, podemos lembrar facilmente que é corriqueiro ouvir muitos estudantes dizerem “Não entendo a gramática” e, ao falar isso, não percebem que usaram uma sentença gramatical perfeita. Eles a conhecem, mas não identificam na gramática escolar aquela que internalizaram quando pequenos, daí as reclamações pelas quais as gramáticas escolares não estão conseguindo mostrar isso.

De acordo com Possenti (1996), todos têm capacidade de aprender o dialeto padrão. Dizer que não se deve ensiná-lo para aqueles que não o dominam como gramática internalizada é o mesmo que dizer que eles não possuem competência, marcando esta atitude como preconceituosa. O autor assegura:

adoto sem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que *o objetivo da escola é ensinar o português padrão*, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico (1996, p. 17).

No conceito deste estudioso, já que saber falar significa saber uma gramática, qualquer indivíduo que fala sabe uma língua e, conseqüentemente, sabe falar, pois toda língua é uma gramática.

### 2.3.5 Produção Textual: Oralidade E Escrita

Em pleno século XXI, sendo por falha na graduação do curso de Letras, por professores com pouca prática em sala de aula, desinformados, desinteressados em buscar ajuda, ou ainda por planos pedagógicos planejados erroneamente, a escolha da modalidade de texto oral para ser trabalhado, e principalmente a maneira de como trabalhá-lo em sala de aula, é sempre um obstáculo comum entre os educadores.

Como sustentado nos PCN, é considerável que o professor crie situações para habituar os alunos a falar em público, ensinando estratégias para que possam ajustar suas produções e trabalhando a formação pessoal de cada educando, ou seja:

O texto oral, diferentemente do texto escrito, uma vez dito não pode ser retomado ou reconstruído, a não ser em casos excepcionais de montagens para rádio ou TV. O planejamento de um texto oral, ainda que possa se apoiar em materiais escritos, se dá concomitantemente ao processo de produção: uma correção não pode ser apagada, é sempre percebida pelo interlocutor (1998, p. 74).

Nos PCN, dita-se um processo para que, ao finalizar seu estudo, o aluno, de acordo com o seu propósito, esteja preparado para monitorar sua fala, coordenando sua gesticulação e ajustando sua variedade linguística.

Pretende-se que, na escuta de textos orais (através do rádio, TV, vídeo e outros), o aluno estenda seus conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais, imprescindíveis para a formulação de um texto, que saiba como e com que intensidade pode utilizar os gestos, as expressões faciais e a postura corporal, que escreva o que for necessário para que possa fazer uma análise ou recapitulação do assunto e que adquira competência para captar as intenções do enunciador, podendo concordar com elas ou abdicar das posições defendidas em seu discurso.

É neste processo que o educando aprenderá a exprimir seus pensamentos. Poderá observar os falantes, escrevendo, treinando e reajustando a variedade linguística valorizando todo o repertório da sua comunidade. As práticas de ouvir e visualizar textos orais são essenciais para o aluno ter familiaridade com diversas situações e para que ele, ao observar outros indivíduos, possa identificar, nas

apresentações, qual das posições tomadas é mais bem aceita para se transmitir uma mensagem e que, desta maneira, consiga relacionar um gesto a outro, uma fala a outra e estabeleça sua própria habilidade de apresentação social.

Há diversas maneiras de o professor preparar o estudante para o domínio de um arranjo antecedente à sua enunciação, e isto é suposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

- discussão improvisada ou planejada sobre tema polêmico;
- entrevista com alguém em posição de poder ajudar a compreender um tema, argumentar a favor ou contra determinada posição;
- debate em que se confrontam posições diferentes a respeito de tema polêmico;
- exposição, em público, de tema preparado previamente, considerando o conhecimento prévio do interlocutor e, se em grupo, coordenando a própria fala com a dos colegas;
- representação de textos teatrais ou de adaptações de outros gêneros, permitindo explorar, entre outros aspectos, o plano expressivo da própria entoação: tom de voz, ritmo, aceleração, timbre;
- leitura expressiva ou recitação de poemas (PCN, 1998, p. 75).

Após ter feito entrevistas e discussões sobre os assuntos escolhidos, é curioso e seguro elaborar esquemas para gravar ou não perder a síntese do tema, cartazes e uso de CD-ROM ou multimídia, tanto para professor como para alunos, permitindo “introduzir informações suplementares em outras linguagens (preparação de imagens, de sons, de animação)” (PCN, 1998, p. 91).

Recomendável nos PCN (1998), a escuta é tão necessária como a leitura e a produção de textos, porém, deve ser desempenhada com atividades epilinguísticas, que envolvam a linguagem do cotidiano e atividades metalinguísticas, que “constroem explicações para os fenômenos linguísticos característicos das práticas discursivas” (PCN, 1998, p. 78).

Por exemplo, na produção de um texto escrito, descrevendo o seu dia, o seu animal de estimação, falando do que gosta ou não de fazer, contando a história de um desenho ou filme que mais agradou, qualquer coisa que o aluno tenha prazer em escrever será válido, pois desenvolverá, à sua maneira, o seu estilo de escrever e as suas preferências. Com isso, o aluno consertará aos poucos sua produção: relendo-a várias vezes, contemplando o que errou e criticando a si mesmo tendo outras idéias e colaborando para que o professor explore o avanço e as dificuldades do educando, preparando atividades que apresentem instrumentos linguísticos para ele conseguir progredir na revisão incorporando alterações indicadas. Para os PCN (1998):

Espera-se que o aluno opere com os procedimentos metodológicos empregados na análise dos fatos da linguagem (elaboração de inventário, classificação, comparação, levantamento de irregularidades, organização de registro), bem como utilize os conceitos referentes à delimitação e identificação de unidades, à compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e às funções discursivas associadas a elas no contexto, empregando uma metalinguagem quando esta se revelar funcional (PCN, 1998, p. 98).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), as atividades de produção que fazem o aluno imaginar e mostrar suas inspirações são mais difíceis e, portanto, exigem mais do indivíduo. Para expor tudo o que deseja, a pessoa precisa pensar na ideia que deseja transmitir, examinando suas expressões e maneira de dizer. Desse modo, quanto ao exercício de reflexão, os PCN (1998) explicam que:

Atividades que envolvam reproduções, paráfrases, resumos permitem que o aluno fique, em parte, liberado da tarefa de pensar sobre o que escrever, pois o plano do conteúdo já está definido pelo texto modelo. A atividade oferece possibilidades de tratar aspectos coesivos da língua, de aspectos do plano da expressão – como dizer (PCN, 1998, p.76).

Ao nos pronunciarmos, o ouvinte pode entender e desenvolver o nosso texto com outras palavras, é isso que se pretende com a produção escrita, que cada aluno desenvolva seu estilo. A escrita não consegue reproduzir muitos dos fonemas da fala, a prosódia, gestualidade, movimentos corporais, olhar, mímica etc. Em compensação, a escrita apresenta elementos significativos próprios para a sua representação: parágrafos, tipos de letras, pontuação, grafia alfabética, entre outros. É por isso que uma e outra possuem um sistema linguístico específico, que permitem a construção de textos coesos e coerentes em diversas variedades linguísticas.

Ao ingressar no Ensino Superior, muitos estudantes sentem dificuldades quando precisam produzir textos acadêmicos e quando são cobrados é um martírio. Isso se deve aos ensinamentos vindos do ensino fundamental.

Possenti (1996) certifica que geralmente nas escolas, há uma percepção bastante conservadora e tradicionalista (onde a técnica prevalece sobre a subjetividade, na qual a concepção do professor é a única correta), que dirige a prática pedagógica da produção textual e sua realização: a que não analisa, na maioria das vezes, a opinião do aluno e trabalha a escrita apenas seguindo o livro didático, isto é, a regra acolhida nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos, ou seja, aquele



conjunto de normas coerentes impostas dedicadas a ensinar o leitor a falar e escrever sem erros.

Com efeito, não sabemos se existe a interlocução, tendo como cenário a tortura dos alunos que acham chato escrever um texto e dos professores, os quais também veem a cópia de conteúdo de ano em ano (GERALDI, 1999), além da condensação pedagógica na gramática (SUASSUNA, 1995). A imagem que temos, é que o aluno não sabe por que escreve e se existe algum objetivo a ser alcançado através do texto.

Isso é relatado por Brito (1999, p. 117), quando afirma que “na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado”. O professor é visto com um repressor, autoritário e punitivo. É o que o autor chama de “figura estereotipada”, quem decide o uso da linguagem.

Lima (2004) diz que as palavras formam o visual da comunicação. Exige-se que os acadêmicos escrevam a todo o tempo, ou pelo menos, careceriam escrever continuamente. Neste sentido, porque há tantos obstáculos quando devem se manifestar? Qual é a razão da dificuldade em escrever textos coesos e coerentes?

Segundo Geraldi (1993), o maior embaraço na produção textual se dá pelo fato da brecha sobre a percepção de linguagem que dê um sentido à produção escrita do aluno. Com efeito, produzir um texto não deve ser uma atividade solitária, já que o acadêmico necessita de um interlocutor para se comunicar. Geraldi (1993) diz que o texto acadêmico tem distinções próprias e que não fazem parte da ficção dos alunados do ensino fundamental. Como resultado, cobra-se do acadêmico um texto prático, sucinto, em que apareça a perfeição. E é claro, a necessidade vocabular está fortemente pautada com a utilização da nomenclatura específica da área (TERRA e NICOLA, 2004).

Para Bonini (2000, p.30), hoje a filosofia dos fundamentos didáticos é que:

O produtor de textos (ainda essencialmente escritos) não é visto mais como um assimilador de regras, mas como alguém que precisa desenvolver uma capacidade textual, fundamental para que ele seja um comunicador. O dom não é mais um elemento central, embora o texto literário seja o modelo ideal.

Isso implica que o objetivo central do texto no ato comunicativo, é que o interlocutor tenha conhecimento metalinguístico para determinado contexto.

Bakhtin (1989) fundamenta que direcionar o ensino-aprendizagem de produção textual desfavorecendo o contexto e a situação social em que acontece, é uma prática única e excepcionalmente de reprodução de regras gramaticais e de tipos textuais. Portanto, vemos neste caso, a importância de se discutir como se dá a linguagem escrita na formação profissional.

De acordo com Bakhtin (2000), cada esfera social tem vários textos, dependendo da atividade da comunicação humana. Em virtude disso, ao contornarmos pelas diversas esferas sociais da habitação humana, utilizamos numerosos gêneros do discurso os quais acatam à prática social daqueles que estão nelas inseridos como forma de justificar as relações sociais.

Bonini (2000) menciona que a maior inquietação nas práticas docentes anteriores aos anos 80, era a respeito do que nomeamos de higienização textual, isto é, com a prática de retificar os erros gramaticais normativos empregados na produção textual. Na concepção do autor, é evidente que esse pensamento desconsidera completamente o leitor-escritor, a situação da produção de escrita e igualmente o papel social que tem a enunciação.

Conforme menciona Jacobini (2003), a produção textual na vida acadêmica, deve sempre estar presente desde o primeiro contato professor-aluno, a partir do momento que o curso inicia. O autor reforça também relatando que a produção escrita deve aparecer quando é:

- a) fixado um tema, é necessário obter informações e conhecimento sobre o mesmo a fim de ter domínio sobre ele para, assim, poder reconhecer os problemas apresentados por outros estudiosos e estabelecer visão própria sobre ele;
  - b) estabelecido um projeto de pesquisa, buscam-se mais informações e conhecimentos para suprir as necessidades de cada etapa do projeto.
- (JACOBINI. 2003, P. 13)

O pesquisador esclarece que a partir da demarcação do tema, inicia-se a escrita que nasce de alguém que encaminha à pesquisa, cuja prática envolve a preparação de fichamentos com sínteses, análises, opiniões para o devido projeto e transcrições que possam enriquecer o estudo. Para realizar essa primeira fase, os universitários devem receber todo esclarecimento sobre os princípios de um projeto acadêmico/científico e sobre a estrutura de resumos, fichamentos, resenhas científicas etc. Jacobini (2003) explique que é depois da explicação teórica sobre a

estrutura de cada uma das formas textuais que o universitário realiza a prática das produções requeridas pelos docentes.

Como segunda fase, Jacobini (2003) aborda a questão da orientação para confecção do relatório e do artigo. Agora, o texto acadêmico já é de conhecimento do aluno, no entanto, ainda, não se compreende o domínio da sua estruturação. Assim como Jacobini (2003), Trevisan (1992) esclarece que esse processo, tanto na primeira fase, quanto na segunda, inclui, além da elaboração escrita do texto, a sua reescrita. E “é nessa hora que todas as questões estruturais da língua são cogitadas, como coesão, coerência, nitidez, objetividade, concordância nominal e verbal, estrutura frasal, regência, tempos verbais, entre outros” (TREVISAN, 1992, p. 42).

Esse exercício, vale expor, “mostra ao acadêmico a aplicação verdadeira dos conhecimentos” (JACOBINI, 2003 p.38), o que lhe atribui o significado da aprendizagem. Todavia, o autor lembra que de nada adianta aplicar a produção do artigo e do relatório sem antes aplicar as fases mencionadas, pois a descrição e o processo são essenciais para o término do produto.

De acordo com Trevisan (1992), é importante as considerações que o professor realizou na primeira versão apresentada pelo acadêmico, pois é neste momento que os problemas da escritura são apontados e as soluções são expostas. Para Trevisan (1992) essas escritas e reescritas do texto são bem-vindas pelos alunos, uma vez que sempre solicitarão ajuda.

Jacobini (2003) afirma que o planejamento curricular atinente à produção de textos estabelece uma função essencial no projeto final do conhecimento. Ao mesmo tempo que norteia o procedimento da escrita e o esclarecimento da enunciação “oral que envolve o projeto, estimula a aprendizagem tanto pessoal quanto coletiva, já que é no preparo lógico e sistemático do estudo, através da confecção dos textos, que o acadêmico analisa melhor o caminho e percebe por que o faz” (p. 41).

Conforme Schneuwly e Dolz (2004), apesar de algumas escolas terem como prática docente a inquietação com os gêneros do discurso para o aprendizado da escrita textual, conhece-se que esse enfoque muitas vezes é focado na objetivação e concludente fossilização dos gêneros, isso porque não ponderam seus caracteres sócio comunicativos.

Dessa forma, Schneuwly e Dolz (2004) acobertam o desempenho do ensino por meio dos gêneros textuais como forma de ampliar a competência textual do

aprendiz, constituindo, assim, a articulação entre a prática social e o que se ensina na sala de aula, excedendo os artificialismos que rondam a prática dos professores.

## 2.4 O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Parafraseando Zahar (2012), Roger Chartier é um historiador da atualidade especialista em leitura com ênfase nas práticas culturais da humanidade, portanto, a tecnologia não poderia deixar de aparecer em seus artigos, já que como afirma, estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos, isto é, Chartier acha que a internet pode ser uma poderosa aliada para manter a escrita (ZAHAR, 2012).

Segundo este pesquisador, além de assessorar no aprendizado, a tecnologia faz girar os textos de forma ativa, aberta e universal. Admite que desenvolver o gosto pela escrita, principalmente em um adulto que não adquiriu o hábito desde novo, é um desafio. Todavia, é papel do docente de qualquer nível escolar, incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor (ZAHAR, 2012).

Grinberg (2011, p.3) relatou que:

muito antes do advento da caneta, a própria escrita já havia sido condenada, por ninguém menos do que Platão. Em *Fedra*, ele argumenta que a escrita é a pretensão de estabelecer fora da mente humana aquilo que só deveria estar dentro. Ao escrever, estaríamos destruindo a memória, fazendo uso de um recurso externo a nós mesmos.

Declarando isso, é evidente que Platão não estava discorrendo sobre computadores ou calculadoras, mas estava pensando em tecnologia.

Grinberg (2011, p.4) ainda argumenta que:

a questão é que qualquer escrita é tecnologia, seja ela qual for. Falar é humano, escrever é artificial. Por isso precisamos de algo externo a nós para escrever. Pode ser pena, lápis, caneta tinteiro ou caneta esferográfica. Ou teclado. Afinal, a criação de artifícios não é parte fundamental da natureza humana?

Repercutindo a colocação de Grenberg, nos lembra da questão abordada por Orlandi (2004), o qual se manifesta a favor da tecnologia quando diz que o sentido do saber de si e do universo não pode ser desagregado ao sentido da tecnologia e isto o triplo inseparável: sujeito, conhecimento e tecnologia.

A figura abaixo desenha como a linguagem é o eixo principal da produção de toda e qualquer noção sobre si, sobre o planeta, por meio da tecnologia:

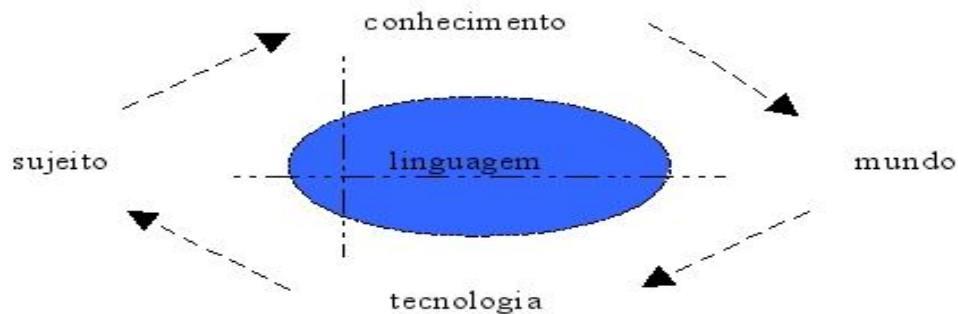


Figura 2 – ORLANDI (2001)

Como afirma Assis (2005), esse quadro nos força a rever os princípios e crenças orientadores das atuações pedagógicas dos docentes.

## 2.5 MODELOS DE TECNOLOGIA PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

De acordo com Assis (2005), quando ouvimos a palavra tecnologia, pensamos em artefatos extremamente modernos, informatizados e eletrônicos. No entanto, a tecnologia diz respeito a todo instrumento que o homem utiliza para melhorar o seu cotidiano.

Lévy ministrou aulas sobre a serventia dos computadores no processo da comunicação e fundamentou o conceito de hipertexto, ou seja, é a estrutura da tecnologia informatizada, a estrutura hipertextual. Para Levy (2008) Através do hipertexto se alcança várias outras extensões em um tempo não linear, ou seja, o

professor ou o aluno pode navegar link a link, sem necessariamente ser um percurso com começo, meio e fim. Esses demais textos apresentados no hipertexto servem para enriquecer, fundamentar, comprovar o conteúdo exposto no texto, é por isso que pode-se falar, que o hipertexto é um ambiente de comunicação que altera a materialidade da escrita e da leitura.

Abordando tal conceito, automaticamente falamos apenas da tecnologia como habito bom. Para que nossa reflexão seja bem concreta, pensemos: as tecnologias são positivas ou negativas?

Pois bem, sabemos que essa ferramenta traz algumas controvérsias, que esbarram, inclusive, em questões éticas. Contudo, Orlandi (2004) afirma que esses problemas não são originados pelas tecnologias em si, mas acontecem a partir da forma como certas tecnologias são postas pelo coletivo social. Se pararmos para pensar em nossa performance nas tarefas com ou sem a tecnologia, segundo Orlandi (2004), atualmente, não conseguiríamos realizar alguns serviços sem este artifício. Por isso, quando falamos em tecnologia, não podemos ser ingênuos à respeito dos crimes, por exemplo, que são engendrados dentro da própria rede.

Para esclarecer, Orlandi (2004) traça a explicação de que a tecnologia está no nosso cotidiano e é utilizada e produzida em diversos contextos, a partir de diferentes paradigmas, sob as mais distintas condições sócio históricas, econômicas e políticas.

A respeito disso, Sampaio e Leite (1999, p. 13), afirmam que:

[...] ao transformar, ao longo do tempo, as formas de produzir e reproduzir os meios de sua própria sobrevivência, o ser humano modificou também suas relações humanas e com a natureza. As tecnologias que criou – desde a roda até o computador – geraram transformações na maneira de se comunicar, produzindo meios de comunicação cada vez mais complexos.

Para Lévy (2008), justamente por toda essa multiplicidade, desde o século XX, quando entramos na sociedade tecnológica, é que o professor deve ser os pontos que se originam de qualquer parte e se dirigem para quaisquer pontos, isto é, um rizoma.

Lemos (2004, p. 19) considera que a sociedade da informação impõe ao alcance dos sujeitos, espaços e formas de interação nunca antes sonhados pela maioria daqueles que usufruem. Isso decreta uma forma inteligente de se utilizar os novos meios e ferramentas de comunicação e informação. Nesta embarcação, surge

a tríade: ambiente tecnológico, professor e aluno. O professor que atribuirá um sentido ao ambiente, é ele que define a utilização desse espaço. O ambiente tecnológico é estruturado diferente um do outros, apresentando as possibilidades de trabalho com a comunicação, com o intercambio de informação. E o aluno, que interage no ambiente a partir da estrutura oferecida (LEMOS, 2004).

Ragazzi (2005) aponta algumas contribuições que a tecnologia pode trazer para a educação, isto é: motivam o aprendizado, acompanham aos desiguais ritmos e estilos, estimulam o trabalho cooperativo, sofrem e desencadeiam modificações e alteram técnicas de comunicação e de expressão.

Em concordância, Assis (2005) explica que nossos alunos estão sempre conectados e motivados pela mídia; não são obrigados a estar em contato, mas ficam por livre e espontânea vontade. A autora descreve que as diferentes linguagens expostas na tecnologia (geralmente em contato com o aluno fora da universidade), estão no dia a dia desses discentes, por isso devem ser trabalhadas também na sala de aula.

Em relação a escrita e leitura, Assis (2005) esclarece que estão cada vez mais enlaçadas pelos avanços tecnológicos. As tecnologias nos colocam diante de um mar de possibilidades, de imersão em situações em que os textos nos mostram novas possibilidades de comunicação. A autora sustenta que essas duas relações têm se alterados nesses ambientes, que as capacidades de criação, de imaginação e de aprendizagem são beneficiadas pelas possibilidades de intercâmbio dos novos recursos educacionais multimídia.

Para isso, há os *softwares*, que podem ser descritos aqueles que permitem a nossa relação com o computador, é o que está na tela. Portanto, a comunicação entre o usuário (seja ele o aluno ou professor) e a máquina é estabelecida pela interface do *software*, isto é, a entrada do sujeito em determinada porta. A partir daí, é que o usuário poderá responder escrevendo, lendo, falando, desenhando; tudo dependendo da característica dessa ferramenta em que ele conectou, alguns mais interativos e outros mais expositivos (GOMES, 2008).

Gomes (2008) ratifica que em sala de aula, a utilização do software não precisa ser aleatória, para que seja aproveitada, é necessário que o professor pense no projeto pedagógico da escola e no que pretende oferecer aos alunos (informação, criatividade, produção, reflexão, entre outros).

Para um estudo focado apenas nos softwares, seria preciso analisar as ferramentas utilizadas, da mesma forma que se analisam as demais, como livros didáticos, por exemplo. Porém, como nosso intuito é apenas dizer que é possível e que é apenas mais uma ferramenta que pode ser utilizada para o ensino, apresentamos somente algumas considerações, para que possamos analisar os conceitos e as possibilidades, para então, em um estudo futuro, aprofundar o tema.

Quanto a isso, gostamos da interpretação dada por Lollini (1985) software é um conjunto de programas escritos em uma das linguagens de programação que ativam o computador conforme os objetivos do usuário”.

Como enfatiza Frescki (2008, p. 15):

Diversos projetos foram e estão sendo desenvolvidos, relacionados ao uso do microcomputador em sala de aula e também relacionados ao desenvolvimento de software para os mais diversos conteúdos programáticos.

O objetivo geral dos softwares educacionais é auxiliar no processo ensino-aprendizagem de uma dada disciplina (GAMEZ, 1998, p.12). Ambos pesquisadores citados constatam que para que isto aconteça, o software deve possuir uma série de especialidades, como: ser simples de utilizar, ser amigável, ser fácil de entender, beneficiar a assimilação dos conteúdos, possuir feições que incentivam, que acordam e sustentam a atenção do usuário, ser capaz de averiguar o grau de entendimento dos discentes, bem como de seus enigmas, entre outros aspectos.

Flandres (1994) destaca que da mesma forma que os educadores se fundamentam em critérios para escolha de seus manuais didáticos, precisariam seguir critérios para selecionar softwares a serem aproveitados.

Mais uma vez, se comprova que o trabalho do professor é o principal, é o papel de mediar o conhecimento, mesmo que os códigos estejam na tela do computador.

## 2.6 A INOVAÇÃO NOS MÉTODOS DE ENSINO



Entendemos que inovação não corresponde somente à tecnologia, mas também às novas didáticas, novos caminhos para encontrar métodos que tornem a aula mais atrativa. Para tanto,

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar ”(FREIRE, 1996, p. 25)”.

A didática é a área da Pedagogia que tem como fonte o ensino. Ou seja, tem como finalidade investigar os fundamentos, condições e formas da realização da educação, em sua versão escolar, ou seja, mediante o ensino sistematizado e de conteúdos formativos. Como fundamenta Libâneo (1994), analisa em que condições está o ensino, além dos fatores sociais, políticos, culturais e psicossociais que envolvem o ambiente relacionado à aprendizagem.

De acordo com Libâneo (1994, p. 28):

"Didática pode constituir-se em a teoria do ensino". Este autor acrescenta que "(...) aparece quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens através da direção deliberada e planejada do ensino, ao contrário das formas de intervenção mais ou menos espontâneas de antes".

Pimenta e Anastasiou (2002, p. 82) expõem que docentes universitários, quando interrogados sobre o conceito de Didática, se referiram que “ter didática é saber ensinar”.

Baseando-se em Candau (1994), podemos descrever que a didática é a teoria e a prática do ensino. Esta autora sustenta que o apartamento e mesmo a aversão entre teoria e prática têm sido comuns e cogitam os problemas e contradições em que vivemos, ocasionadas pela sociedade capitalista que abstrai o trabalho intelectual de trabalho manual.

A explicação da autora, insere a necessidade das dimensões (técnica, humana e política)<sup>6</sup> não serem vistas como separadas ou juntas, mas sim de forma

---

<sup>6</sup> A **dimensão técnica** se conduz para o arranjo e operacionalização dos artifícios do processo ensino-aprendizagem: objetivos, escolha de conteúdos, táticas de ensino, avaliação, entre outros.

A **dimensão humana** ressalta a relação interpessoal presente na ação educativa. A educação conjuntura comunicação e interação.

A **dimensão política**, ou político-social, refere-se à situação-ambiente, onde o exame da realidade permite uma ação educativa transformadora.

dinâmica e coerente. Conjetura, neste caso, a necessidade do professor do ensino superior compreender suas obrigações, encargos e as possibilidades frente a sua ação didática. Neste ponto de vista, contexto e método são analisados e articulados, permitindo que a prática educativa admita uma perspectiva político-social.

Gil, (2006, p. 94,95), destaca o valor do planejamento do conteúdo de cada disciplina. Define o planejamento educacional como “processo sistematizado mediante o qual se pode conferir maior eficiência às atividades educacionais para, em determinado prazo, alcançar as metas estabelecidas”.

Gil (2006) ressalta ainda que nem todos planejam seus cursos envolvendo a criatividade. Muitos somente seguem os capítulos de um livro, sem levar em conta realmente o que é imprescindível que os estudantes aprendam. Também é ampla a quantidade de docentes que utilizam sem muita análise os mesmos métodos de ensino e os mesmos processos de avaliação.

Brevemente, Libâneo (1990) enfatiza a necessidade do esclarecimento dos objetivos, a organização e eleição de conteúdos, o conhecimento e compreensão do nível cognitivo do aluno, a demarcação metodológica e os instrumentos do ensino.

Segundo Libâneo (1990), para que um planejamento seja eficaz, é necessário que o professor, principalmente:

- Conseguir informações / reconhecer os alunos;
- Ter conhecimento dos objetivos curriculares, do curso e da disciplina;
- Saber os conhecimentos prévios ou pré- requisitos essenciais;
- Carga horária do curso;
- Recursos materiais e humanos que estão disponíveis;
- A triagem de experiências de aprendizagem.

Sistematizando, Castanho (2004,p.159), lembra que:

“Os alunos percebem quando as aulas são planejadas. O ensino é uma atividade que se caracteriza por atos lógicos, atos estratégicos e atos institucionais. Nos atos lógicos se insere basicamente todo o ato de planejar como se desenrolará o processo de ensino e aprendizagem. Nos atos estratégicos incluem-se as atividades e técnicas a desenvolver visando aos objetivos traçados. E nos atos institucionais estão todas as ações que legitimam o processo ocorrido (*notas, documentos, registro de frequência, etc.*).

---

Bordenave (1995) explica que métodos são as ações do professor no sentido de estabelecer as atividades de ensino, objetivando que os estudantes possam atingir o que se espera em relação a um conteúdo explicado, tendo como resultado a absorção dos conhecimentos e a ampliação das capacidades cognitivas e operativas do indivíduo.

Bordenave (1995, 68) realça que os “métodos utilizados podem ensinar aos alunos a serem livres ou submissos, a serem seguros ou inseguros; a serem disciplinados ou desorganizados; responsáveis ou irresponsáveis; competitivos ou cooperativos, etc.”

Diante do exposto, entende-se que a inovação nos métodos de ensino parte do professor direcionar sua aula para algo novo, algo que o aluno tenha interesse, não apenas através de um livro texto.

## 2.7 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: NOVOS TEXTOS

A cibercultura se emerge e se transforma no ciberespaço. Para Levy (1993), a cibercultura que deriva do ciberespaço, aparece a partir da desconexão de operadores sociais (máquinas abstratas), a universalidade e a somatória. Estes dois conceitos nasceram vinculados aquando da criação da escrita, pois ela não determina automaticamente o universal, também a condiciona. Portanto, parafraseando Levy (1993), podemos dizer que ciberespaço é um espaço de comunicação interativa.

Em Levy a Cibercultura está relacionada a dimensão da humanidade. Assim, como afirma Casterls (1999): “o que caracteriza a atual revolução tecnológica é a capacidade humana de utilizar as ferramentas tecnológicas da informação e comunicação como meios para a produção da sociedade”. Essa transformação na cultural, provoca transformações em diversos setores, na educação, por exemplo, emerge a necessidade da formação permanente, o indivíduo nunca está acabado, precisa estar sempre se constituindo numa formação flexível.

Lévy (1993) consolida que no ciberespaço, através do hipertexto, o usuário escreve e lê, alternando o papel ora para autor-escritor, ora para espectador-leitor. A relação de quem propõe o conteúdo e de quem recebe o conteúdo é bastante

diversificada, ou seja, a interação e democracia na medida do acesso, é vista a todo momento.

O autor ainda destaca que o ambiente virtual é composto por duas características importantíssimas: a polifonia e a polissemia. Em outras palavras, pode-se falar, que há uma junção de infinitas vozes e olhares que resultam em diversos sentidos. Quando estamos nesses ambientes computacionais, cabe dizer, que estamos em uma construção coletiva de pensamento, pois a uma heterogeneidade dos sujeitos.

Nas aulas de especialização de Formação de Professores para o Ensino Superior, na disciplina de Tecnologia da informação, a professora Márcia Meneghel Bardou de Carvalho fez uma pergunta aos seus alunos: Em ambientes virtuais, quem tem o poder de escrever e de publicar textos?

Como explica, essa ação não está empregada a um emissor. Esse poder é dividido, distribuído entre os usuários: “há uma circulação de imagens e de textos de todos os tipos sem passarem pelas mãos do editor”. O poder de comunicar ideias não está mais nas mãos de um único polo informacional. Parafraseando a professora, essa participação de intervenção possibilita perspectivas tecnológicas, políticas, sensoriais e comunicacionais.

Silva (2001), atesta que a bidirecionalidade e a hibridação do ambiente virtual possibilita a harmonia dos dois polos de comunicação: receptor e o emissor. É por isso que o conceito de bidirecionalidade se opõe à lógica unívoca, que separa emissão e recepção, emissor e receptor.

De acordo com o mesmo autor, a interatividade é incluída obrigatoriamente nessa relação tecnológica de hipertexto e hiperfídia. Hoje, somos portadores de um princípio interativo que aceita a navegação aleatória, o armazenamento de conhecimentos e também a liberdade de combiná-las (permutabilidade) e produzir histórias possíveis (potencialidades). Por meio desta imprevisibilidade, podemos chegar a lugares que nunca imaginamos, é por isso que o autor chama esse meio computacional, de “um convite à exploração”.

Voltando às explicações da professora Márcia Meneghel Bardou de Carvalho, o ciberespaço nos propõe a co-autoria, isto é, a “construção de textos infinitos, continuamente modificáveis e interligados em outros e a interatividade do hipertexto aceita associações múltiplas não-lineares. Isso quer dizer, que o leitor-usuário tem a

possibilidade de co-criar, combinando e permutando elementos dispostos pelo proponente da obra”.

Conectando esse esclarecimento à comunicação pretendida no ensino superior (principalmente), muito depende da postura que o professor adquire em sua didática, pois ambas devem contemplar a possibilidade de cooperação e de participação de todos para que o sentido da comunicação sobressaia (FLANDRES, 1994).

Em suma, a confrontação coletiva existente nesse meio, liga caminhos para a troca de narrativas, uma vez que há o livre-arbítrio e a heterogeneidade fundamentando o transmitir e o reconhecer, o que é muito interessante em termos pedagógicos e educacionais.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa porque tem como finalidade interpretar o que acontece no ambiente de ensino-aprendizagem, isto é, pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo (RAMOS, RAMOS, BRUSNELLO, 2003). A pesquisa também se classifica como sendo do tipo bibliográfica e com levantamento de dados, pois para fundamentar a análise dos dados, precisaremos explicar o que os autores que pesquisaram sobre o assunto esclarecem, além de realizar um levantamento de dados para tentar saber o que está

sendo feito realmente em sala de aula (RAMOS, RAMOS, BRUSNELLO, 2003). Enquadra-se também em pesquisa descritiva porque descreveremos as características da população específica de casa curso, com o objetivo de entender e analisar um fato social completo, com fatos atuais dentro da conjuntura da vida real e pesquisa exploratória, pois ao final conheceremos mais sobre o assunto, e estaremos aptos a construir hipóteses (GIL, 2008).

### 3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA

A população da pesquisa serão os alunos dos cursos de Administração, Gestão comercial e Ciências Contábeis e os professores que lecionam na grade com a disciplina que aborde a língua portuguesa na Faculdade Uniguaçu Faesi de São Miguel do Iguaçu e na UDC - União Dinâmica de Faculdade Cataratas, centro de Medianeira. A amostra será formada pelos alunos e professores que aceitarem participar da pesquisa e responder ao questionário e entrevista.

### 3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

A percepção feita sobre a tecnologia no ensino superior, nas aulas de língua portuguesa, até o momento, foi acarretada por um olhar prudente; por isso; para comprová-la e/ou denegá-la, segue a descrição do questionário elaborado para os professores e para os alunos do curso de Administração, Ciências Contábeis e Gestão Comercial, da cidade de Medianeira e São Miguel do Iguaçu:

As questões direcionadas aos professores objetivam saber o que o docente valoriza ensinar no campo da língua portuguesa para os futuros profissionais, como ele desenvolve suas aulas e se faz o uso das tecnologias para criar um ambiente mais dinâmico, isto é, além do espaço engessado da sala de aula, como também saber se dominam as ferramentas básica do computador e da internet.

O questionário aos alunos almeja conhecer o que estes pensam das aulas, o que consideram importante estudar e saber se alguma aula lhes foi interessante com a aplicação da tecnologia, a ponto de opinarem a respeito do uso desta ferramenta na sala de aula.

### 3.4 PROCEDIMENTO DE TRABALHO

A coleta de dados será através de questionários aos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Gestão Comercial do período noturno. Pretendemos obter a colaboração dos docentes que lecionam nas faculdades particulares, localizadas nas cidades de Medianeira – PR e São Miguel do Iguaçu – PR.

Acreditávamos que geralmente não há disciplinas de Língua Portuguesa, ou outra voltada para a comunicação empresarial em todos os períodos dos cursos superiores, o que se comprovou quando fomos até às instituições de pesquisa. Portanto, realizamos a pesquisa nos períodos em que a matéria é oferecida.

Almejando uma suficiência ao trabalho aqui exposto, além de leituras para a base teórica, pensávamos em gravar as conversas com os professores, para criar um alicerce nas respostas escritas e assistir algumas aulas. Todavia não foi possível, pois, os docentes não quiseram colaborar, por conta da burocracia da instituição.

Portanto, após a revisão bibliográfica completa e os questionários aplicados, recolhemos o material destinado aos professores e alunos, lemos todas as perguntas e respostas e analisamos. Para que os leitores do trabalho tenham conhecimento, descrevemos as frases como foram colocadas pelos sujeitos, para que possamos expor a parte teórica e chegarmos às esperadas considerações.

## 4. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Realizada a coleta da pesquisa de campo, conseguimos exceder as análises pretendidas no início deste trabalho. Adiante, ver-se-á uma discussão e análise mais detalhadas do resultado dos questionários aplicados.

#### 4.1 QUESTIONÁRIOS

Essa investigação realizou sua coleta de dados durante 20 dias, iniciando em setembro e terminando em outubro. No decorrer dessa investigação, de caráter exploratório, surgiram alguns empecilhos dificultando o andamento do trabalho e, pode-se dizer, quase suspendendo a pesquisa. Primeiramente, foi enredado conseguir falar com o responsável por este assunto em cada instituição, pois o sistema organizacional de cada faculdade é diferenciado. Em uma tratamos com o coordenador de pós-graduação, o qual nos direcionou em conversa direta com a professora da disciplina de nosso interesse. A docente se dispôs a colaborar, porém, não poderia aplicar os questionários naquele dia. Como após essa conversa nenhuma notícia era informada, com extrema insistência à professora, retornando, telefonando e comparecendo à instituição, conseguimos os questionários respondidos.

Em outra instituição, ao pedir para conversar com o coordenador, não foi possível. O diálogo se deu com a secretária, que passou o recado para a coordenadora, a qual solicitou uma carta ou e-mail da orientadora do trabalho. Enviado o e-mail, a pesquisa também precisou ser permitida por alguém de cargo maior (que não tivemos conhecimento). Esse processo levou dez dias para ser concretizado e acabou sendo permitido quando os alunos estavam em um congresso. Desta forma, a pesquisa atrasou mais que o previsto, já que o tempo para a monografia ser concretizada era curto e, com tantas objeções, percebemos que uma colaboração mais aprofundada, como observação de aulas e conversas informais com os professores, seria praticamente impossível de se conseguir no tempo estimado.



## 4.2 O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Compreendendo que a pesquisa de campo escolhida é uma linha coberta de dificuldades para conseguir colaboradores, revelamos aqui que foram distribuídos três questionários a professores de Língua Portuguesa, já que um professor leciona em dois cursos, e, conseguimos a coleta da quantidade prevista.

As perguntas direcionadas aos professores particularizaram informações da metodologia em sala de aula com a tecnologia e do seu conhecimento sobre tais instrumentos. De forma sucinta, para melhor visão do leitor deste trabalho, preferimos transparecer as respostas obtidas através do seguinte quadro:

<b>Questões</b>	<b>Resposta professor A</b>	<b>Resposta professor B</b>	<b>Resposta professor C</b>
<b>1</b>	Gestão Comercial	Administração	Ciências Contábeis e Administração
<b>2</b>	Comunicação e Marketing	Comunicação e Expressão	Expressão Oral e Escrita
<b>3</b>	Atividades de fixação de teoria, trazendo a realidade como exemplo. Sempre buscando visualizar a prática.	Aliar a teoria à prática	Interpretação de texto. Análise do discurso.
<b>4</b>	Sim	Sim	Sim
<b>5</b>	Msn / e-mail/ pesquisa regularmente e lê notícias diariamente.,	Msn/ e-mail/ pesquisa regularmente e lê notícias diariamente.	e-mail/ pesquisa regularmente e lê notícias diariamente.
<b>6</b>	Word – Excel – Power Point - Prezzi	Word – Excel – Power point e outros	Word – Power point - Photoshop
<b>7</b>	Make Money. Usa como apoio o google acadêmico.	Sem resposta.	Sem resposta.
<b>8</b>	Sim	Sim	Não
<b>9</b>	Sim. O acadêmico fica mais interessado, mais motivado com o uso da tecnologia.	Sim, com a tecnologia ganha-se tempo, são dinâmicas.	Sim. A utilização do recurso torna a aula mais dinâmica.

10	Computadores para uso docente / quadro branco/ livro didático/ sala de informática/ data show/ internet banda larga.	Computadores para uso docente / quadro branco/ livro didático/ sala de informática/ data show/ internet banda larga.	Retroprojektor / internet banda larga/ quadro branco/ sala de informática/ DVD/ impressora/ data show.
11	Importante.	Importante.	De grande importância.
12	Avanços tecnológicos/ filmes/ notícias sobre novas descobertas/ livros/ visitas técnicas/ situações do cotidiano/ jogos educacionais.	Avanços tecnológicos / filmes/ notícias sobre novas descobertas/ livros/ situações do cotidiano.	Filmes/ implicações na sociedade/ situações do cotidiano.
13	Sim. Através de atividades como seminários, fórum, produção de textos (resumo, artigos), simpósios, etc.	Sim. Com exercícios de fixação, seminários, produção de artigos, dentre outros.	Leitura em voz alta. Técnica de leitura: 1ª leitura de reconhecimento; 2ª leitura com sublinhamento. Preparação de uma suposição oral: tema, tempo, pontos a serem abordados, fechamento de ideias, oratória em sala, palestras. Produção de texto dissertativo – argumentativo, resenha, resumo, artigo.

Como exposto anteriormente no item 5.2, a questão que inicia o questionário corresponde à identificação do curso e da disciplina que o professor leciona, para podermos ligar às respostas dos discentes e também para entendermos a metodologia e possíveis softwares e programas utilizados nas aulas.

Todos os entrevistados assinalaram facilmente a alternativa correspondente a sua atuação. Como transparecido no anexo 1, nomeamos os professores como sendo: professor A, professor B e professor C.

*Questão 1:* Em quais cursos superiores o Sr(a) leciona?

*Questão 2:* Com quais disciplinas?

- Professor A: leciona no curso de Gestão Comercial, com a disciplina de Comunicação e Marketing Pessoal.

- Professor B: leciona no curso de Administração, com a disciplina de Comunicação e Expressão.
- Professor C: leciona nos cursos Administração e Ciências Contábeis, com a disciplina de Expressão Oral e Escrita.

*Questão 3:* As disciplinas citadas acima têm relação com a prática da Língua Portuguesa na vida social. Quais atividades o Sr.(a) considera importante realizar para que o ensino-aprendizagem aconteça?

No que convém à relação com a prática da língua portuguesa na vida social, o Professor A e o Professor B relataram que é necessário “aliar a teoria à prática” (PROFESSOR B, anexo 1). De forma mais completa, o Professor A (anexo 1), descreve que para o ensino-aprendizagem aconteça, considera importante “Atividades de fixação da teoria, trazendo a realidade como exemplo. Sempre buscando visualizar a prática”.

Já o Professor C (anexo1) não trouxe esta opção, mas sim, priorizou a “interpretação de texto e a análise do discurso”. Entendemos que como este leciona com a disciplina denominada Expressão Oral e Escrita, as duas prioridades relatadas se enquadram na realidade, isto é, analisar o discurso e interpretar as formas de ação em diversos contextos do meio de trabalho. Todavia, não ficou claro a forma como essa reflexão é realizada.

Torna-se necessário recordar aqui, que o professor precisa ser diferente, precisa chamar a atenção dentro e fora da sala de aula. Parafraseando Freire (1979) e Mayo (2004), é necessário que o professor saia do espaço engessado e que leve o sujeito a atuar e refletir sobre o mundo.

Precisamos criar conexões com o cotidiano do aluno. De nada adianta ficar preso às aulas tradicionais, preso aos pensamentos tradicionais, onde o professor é detentor do conhecimento, é repressor, e o aluno é aquele que só ouve e decora para tirar boas notas.

*Questão 4:* Possui computador em condições de acesso e uso da internet?

*Questão 5:* Quanto à utilização da internet:

Unanimemente, 100% dos informantes alegaram possuir computador em condições de acesso à internet. Todos possuem e-mail, realizam pesquisa regularmente e leem notícias diariamente. O Professor B (anexo1) assinalou ter MSN e ler notícias uma hora por dia, que é o tempo que reserva para essa atividade.

É nesse sentido que vale lembrar que as informações em circulação rápida, associadas com a imagem fragmentada, constituem uma forma de pensamento. É nesse sentido que Lemos (2004) manifesta que a sociedade da informação impõe ao alcance dos sujeitos, espaços e formas de interação nunca antes sonhados pela maioria daqueles que usufruem, o que decreta uma forma inteligente de se utilizar os novos meios e ferramentas de comunicação e informação.

Isso quer dizer que a tecnologia apresenta imagens, sons, dados, resumos e muito mais em uma velocidade extraordinária, que não pode passar despercebida.

*Questão 6:* Que programas você utiliza regularmente?

*Questão 7:* Que softwares didáticos você conhece?

Com relação às questões seis e sete, ambas referem-se ao conhecimento do professor sobre as formas e programas e softwares que podem ser utilizados no ensino-aprendizagem. O Professor A e o Professor C, utilizam o word, o excel e o power point regularmente, já o Professor C, usa o Word, Power Point e o Photoshop, entre outros. Sendo assim entendemos que todos têm algum conhecimento sobre os programas básicos que podem ser adequados às aulas.

É interessante frisar que o Professor A (anexo 1) acrescentou mais um programa que costuma utilizar, o “Prezi”. É um programa mais avançado que o Power Point, o qual permite a criação em apresentação não linear e em tempo real, através de um login que o usuário cria na página. Na questão número sete, a respeito dos softwares, infelizmente o Professor B e C não responderam, o que demonstra que não conhecem nenhum. Já o professor A, novamente, trouxe-nos uma novidade: “MakeMoney. Uso como apoio o google acadêmico”, (Professor A, anexo 1).

Repercutindo a colocação de Gomes (20012), a utilização do software não precisa ser aleatória, para que seja aproveitada, é necessário que o professor pense no projeto pedagógico da escola e no que se pretende oferecer aos alunos (informação, criatividade, produção, reflexão, entre outros).

Assis (2005) também sustenta que a relação escrita e leitura estão cada vez mais enlaçados pelos avanços tecnológicos. As tecnologias nos colocam diante de um mar de possibilidades, de imersão em situações em que os textos nos mostram novas possibilidades de comunicação. A autora sustenta que essas duas relações têm se alterado nesses ambientes, que as capacidades de criação, de imaginação e de aprendizagem são beneficiadas pelas possibilidades de intercâmbio dos novos recursos educacionais multimídia.

Para isso, há os softwares, que podem ser descritos aqueles que permitem a nossa relação com o computador, é o que está na tela. Portanto, a comunicação entre o usuário (seja ele aluno ou professor) e a máquina é estabelecida pela interface do *software*, isto é, a entrada do sujeito em determinada porta. A partir daí, é que o usuário poderá responder escrevendo, lendo, falando, desenhando; tudo dependendo da característica dessa ferramenta em que ele conectou, alguns mais interativos e outros mais expositivos (GOMES, 2012).

*Questão 8:* O Sr(a) consegue materializar suas ideias utilizando os programas que conhece?

*Questão 9:* Considera que há alguma diferença entre a aula aplicada com a ajuda da tecnologia para a aula trabalhada sem a utilização deste recurso? Se sim, quais?

Os três docentes colaboradores confirmaram que com a tecnologia “o acadêmico fica mais interessado, mais motivado” (PROFESSOR A, anexo1) e que “com a tecnologia ganha-se tempo” (PROFESSOR C, anexo 1) e a que “esse recurso torna a aula mais dinâmica” (PROFESSOR B, anexo 1).

*Questão 10:* Quais recursos nomeados estão disponíveis para as suas aulas?

Quanto aos recursos disponíveis na instituição (tecnológico ou não), todos os professores assinalaram ter um bom apoio na faculdade, além de o quadro ser branco, e não negro, evitando o giz que hoje é visto como um tanto ultrapassado.

*Questão 11:* Como o Sr(a) classifica a seriedade da utilização de recursos tecnológicos (Midiáticos e audiovisuais) nas aulas como um influente potencializador de aprendizagem?

*Questão 12:* Dentro os tens citados, quais o Sr(a) avalia como um tema/estratégia que instigue seus alunos a apreciarem o Português?

A pergunta número onze corresponde à importância dada à tecnologia em sala de aula, e, como previsto, Professor A, B e C, responderam que é de “grande importância” ou “importante”. Porém, na questão doze, o Professor C (anexo 1), não assinalou os avanços tecnológicos como sendo um tema\estratégia que instigue os alunos a apreciarem a língua portuguesa. As opções em comum com ambos professores, foram: filmes, implicações na sociedade e situações do cotidiano. Todavia, de uma forma ou de outra, quando falamos em filme acabamos incluindo a tecnologia, seja no data show, seja na televisão.

Com relação ao cotidiano, Assis (2005) explica que nossos alunos estão sempre conectados e motivados pela mídia; não são obrigados a estar em contato,

mas ficam por livre e espontânea vontade. Regazzi (2012) aponta algumas contribuições que a tecnologia pode trazer a educação, isto é: motivam o aprendiz, acompanham aos desiguais ritmos e estilos, estimulam o trabalho cooperativo, sofrem e desencadeiam modificações e alteram técnicas de comunicação e expressão.

*Questão 13:* O sr(a) costuma trabalhar a oralidade e a escrita nas aulas? De que forma?

Já que não se pode falar em Língua Portuguesa e conseqüentemente em comunicação, sem abordar a oralidade e a escrita, esta última questão tem a finalidade de saber qual importância está sendo dada às duas práticas.

Pelo descrito, os três Professores procuram trabalhá-las em conjunto:

“Através de atividades como seminários, fórum, produção de textos (resumo, artigos), simpósios, etc” (PROFESSOR A, anexo1).

“Com exercícios de fixação, seminários, produção de artigos, dentre outros.” (PROFESSOR B, anexo1).

“Preparação de uma exposição oral: tema, tempo, pontos a serem abordados, fechamento de ideias, oratória em sala, palestras. Produção de texto dissertativo – argumentativo, resenha, resumo, artigo”(PROFESSOR C, anexo 1).

Embora seja um bom começo, falta-nos conhecer, como essas modalidades são preparadas, pelos alunos e pelos professores. Em alguns momentos dizem que tecnologia é incentivadora, em outros, não dão tanta importância. Como é feita essa interpretação de texto relatada acima? Como explanamos um fórum, ou um seminário? E a forma visual do trabalho?

Como fundamentado, sabemos que quando se discute a escrita ligada à internet, logo se pensa em um contexto “selvagem” da língua, onde há abreviações, erros ortográficos, falta de ética e moral, entre outros. Muitos autores falam que é difícil ainda se falar em letramento digital, mas, ao nosso ver, cabe aos próprios professores desmancharem essa ideia.

A internet é uma das esferas sociais, o meio digital já faz parte da esfera social da maioria dos sujeitos. São inúmeros os gêneros textuais da mídia eletrônica, os quais utilizamos para nos comunicarmos com diferentes públicos. O correto é que a mensagem pode ser a mesma, o que muda é a ferramenta: secretária eletrônica, telefone, e-mail, chat, blog, entre outros. Se o problema é o “selvagem” que transparece nessas ferramentas, por que não partir do professor uma higienização nesse meio? Se busca-se um letramento digital, quem poderá iniciar essa busca se não o próprio docente a incentivar seus alunos ?

Além disso, à respeito da produção textual, a qual os entrevistados afirmaram trabalhar, Jacobini (2003) esclarece que quando o texto acadêmico já é de conhecimento do aluno, isto é, quando o mesmo já sabe como elaborá-lo, o tipo de linguagem que deve usar, o tema que deve escrever, a sua estruturação, precisa ainda realizar a reescrita do texto. Com a mesma opinião, Trevisan (1992, p.42) diz que “é nessa hora que todas as questões estruturais da língua são cogitadas, como coesão, coerência, nitidez, objetividade, concordância nominal e verbal, estrutura frasal, regência, tempos verbais, entre outros”.

#### 4.3 QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Primeiramente, para que possamos melhor explicar também as respostas coletadas, produzimos o quadro abaixo com a descrição das mesmas, exatamente com as palavras descritas pelos entrevistados, seguindo com as explicações:

QUESTÕES					
ALUNO	1	2	3	4	5
<b>A</b>	Administração	Sim	msn/ e-mail/ realiza pesquisa regularmente lê notícias diariamente.	Word	Vai depender de como as pessoas irão buscar o aprendizado.
<b>B</b>	Administração	Sim	msn/ e-mail/ realiza pesquisa regularmente lê notícias diariamente	Word e excel	e Melhora.
<b>C</b>	Administração	Sim	msn/ e-mail/ não realiza pesquisa regularmente não lê notícias diariamente	Word e Excel	e Melhora
<b>D</b>	Administração	Sim	e-mail/ realiza pesquisa	Word e Excel	Melhora. Pois ajuda na pesquisa.

			regularmente lê notícias diariamente			
<b>E</b>	Ciências Contábeis	Sim	msn/ Orkut/ e-mail/ realiza pesquisas diariamente e lê notícias quando tem tempo.	Word Excel	e	Nos programas de bate papo usa-se o português em forma sintetizada, então acho que não é bom, mas nas pesquisas é ótimo e também nas notícias em geral.
<b>F</b>	Ciências Contábeis	Sim	e-mail/ não pesquisa diariamente e não lê notícias diariamente.	Word Excel	e	Pouco utilizamos a tecnologia. Os livros eu a biblioteca disponibiliza são bons. As explicações da professora também.
<b>G</b>	Gestão comercial	Sim	e-mail /realiza pesquisa regularmente lê notícias diariamente	Excel		Ajuda com a leitura, melhora argumentação.
<b>H</b>	Gestão comercial	Sim	e-mail /realiza pesquisa regularmente lê notícias diariamente	Word		Se utilizada da maneira correta, melhora.
<b>I</b>	Gestão comercial	Sim	msn/ Orkut / e-mail /realiza pesquisa regularmente lê notícias diariamente	Word Excel	e	Melhora desde que o professor contribua e o aluno demonstre interesse.
<b>J</b>	Gestão comercial	Sim	msn / e-mail /realiza pesquisa regularmente	Word Excel	e	Depende do que for utilizar.



			lê notícias diariamente			
<b>K</b>	Gestão comercial	Sim	msn / Orkut/ e-mail / não realiza pesquisa regularmente e não lê notícias diariamente	Outros		Melhora, o aluno tem mais liberdade de expressão.
<b>L</b>	Gestão comercial	Sim	e-mail/ não realiza pesquisa regularmente e não lê notícias diariamente	Word e outros.		Melhora

### QUESTÕES

ALUNO	6	7	8	9	10
<b>A</b>	Sim, colabora.	Talvez, depende do aluno.	Empreendedorism o. Aliou prática À teoria.	Não no momento.	Domino tudo em relação a linguagem oral, escrita e utilização da tecnologia. Não terei problemas.
<b>B</b>	Sim, melhora.	Talvez, depende do aluno.	Sim, psicologia. Filme legal que gravei alguns tópicos.	Não.	Domino tudo em relação a linguagem oral, escrita e utilização da tecnologia. Não terei problemas.
<b>C</b>	Sim, colabora.	Não, o professor deve apenas passar trabalhos e atividades para serem feitas em casa, com o uso do	Não.	Nenhuma.	Sou tímido, não sei falar em publico, mas, sei escrever bem.

		computador.			
<b>D</b>	Sim, colabora.	Não, o computador acaba sendo uma distração.	Sim. Comunicação e expressão.	Não lembro no momento.	Sei utilizar a língua formal e informal, diferenciando uma da outra conforme o contexto.
<b>E</b>	Sim, com certeza as informações são mais amplas e facilita o entendimento.	Talvez, depende do aluno.	Sim, aula sobre bolsa de valores.	Resposta em branco.	Tenho boa argumentação. Se meu chefe pedir para escrever um ofício ou documento, não saberei como proceder, tendo que buscar informações na internet. Tenho que aprender a produzir documentos no word.
<b>F</b>	Só utiliza slides. Para nós alunos não tem muita diferença, mas, para o professor evita passar muito conteúdo no quadro.	Não, o computador acaba sendo uma distração.	Sim, em outras disciplinas foram passados vídeos, palestras...	Precisamos ler e interpretar textos que tenham ligação com o nosso curso.	Sou tímido, não sei falar em publico, mas sei escrever bem. Se meu chefe pedir para escrever um ofício ou documento, não saberei como proceder, tendo que buscar informações na internet. Tenho que aprender a produzir documentos no word.

<b>G</b>	Sim, colabora na fala e na escrita.	Talvez, depende do aluno.	Sim, marketing de serviços.	Já estão muito boas.	Domino tudo em relação a linguagem oral, escrita e utilização da tecnologia. Não terei problemas.
<b>H</b>	Sim. As vezes melhora. Acho bom quando o professor explica	Talvez, depende do aluno.	Não lembro.	Sim, com a leitura.	Tenho boa argumentação.
<b>I</b>	Sim, melhora.	Não, o computador acaba sendo uma distração.	Lembro, mas forma poucas.	Leitura, testes, textos.	Sei utilizar a língua forma e informal, diferenciando uma da outra conforme o contexto.
<b>J</b>	Sim, as aulas ficam mais colaborativas.	Com certeza.	Técnicas de vendas, formas de vendas.	Não.	Sei utilizar a língua forma e informal, diferenciando uma da outra conforme o contexto.
<b>K</b>	Sim, melhora.	Com certeza.	Sim, economia empresarial.	Sim, vídeos de linguagem corporal.	Tenho ainda algumas dúvidas em relação ao tipo de linguagem que devo usar em meu ambiente de trabalho.
<b>L</b>	Sim, mas o professor precisa colaborar.	Com certeza.	Sim. Marketing de serviço.	Sim, filmes.	Utilizo muitas abreviações quando escrevo no computador.

*Questão 1:* De qual curso abaixo você é aluno?

*Questão 2:* Possui computador em condições de acesso e uso da internet?

As questões *um* e *dois* foram respondidas sem desafios, pois, solicitavam apenas a marcação do curso em que o aluno estuda e a afirmação ou negação em relação ao porte de um computador com acesso à internet. Sem exceções, as respostas foram afirmativas.

*Questão 3:* Quanto à utilização da internet:

Em sua totalidade, os alunos têm acesso à internet e tem seu próprio computador, o que retrata, que obviamente todos saibam utilizar, mesmo que de forma imatura, a internet e os programas básico do computador (word, power point, excel).

*Questão 4:* Que programas você utiliza com frequência?

Quanto a como utilizam a internet, percebe-se que esta questão foi respondida com sinceridade, pois todos disseram ter e-mail, msn (ou Skype), no entanto, nem todos leem notícias diariamente (anexo b). Sabe-se que no próprio MSN e e-mail as notícias do dia podem ser facilmente abertas.

Muitas pessoas têm computador, mas não utilizam para fazer trabalhos ou outras atividades de vínculo empregatício ou estudantil. Alguns passam a maior parte do tempo em redes sociais e o único texto que escrevem é na rede. É por isso que esta quarta questão foi selecionada, para saber se os alunos têm conhecimento desses programas básico do office.

Apenas dois alunos não assinalaram também o Excel (aluno H e aluno A), para os demais este programa e o Word são utilizados com frequência.

Pois bem, sabemos eu o uso da tecnologia traz algumas controvérsias, que esbarram, inclusive, em questões estéticas. Contudo, Orlandi (2004) afirma que esses problemas não são originados pelas tecnologias em si, mas acontecem a partir da forma como certas tecnologias são postas pelo coletivo social. Se pararmos para pensar em nossa performance nas tarefas com ou sem a tecnologia, segundo Orlandi (2004), atualmente, não conseguiríamos realizar alguns serviços sem este artifício.

*Questão 5:* Com relação à prática da língua portuguesa, você acha que o uso a internet melhora ou influencia negativamente? Explique.

A quinta pergunta feita aos alunos está relacionada com o que acha sobre a utilização da internet no ensino de língua portuguesa, o que gerou respostas diversificadas. Alguns alunos expuseram que depende, pois, “vai depender de como as pessoas irão buscar o aprendizado” (ALUNO A, anexo 2), isto é, “se utilizada de maneira correta, melhora” (ALUNO H, anexo 2).

O aluno E (anexo 2) demonstra não achar válida a utilização do bate papo: “nos programas de bate papo usa-se o português em forma sintetizada (então acho que não é bom)”.

Em resposta ao que o Aluno E alegou, devemos voltar às explicações da professora Márcia Meneghel Bardou de Carvalho. Ela explica que o ciberespaço nos propõe co-autoria, isto é, “a construção de textos infinitivos, continuamente modificáveis e interligados em outros e a interatividade do hipertexto aceita associações múltiplas não-lineares. Isso quer dizer, que o leitor-usuário tem a possibilidade de co-criar, combinando e permutando elementos dispostos pelo proponente da obra.

Conectando esse esclarecimento à comunicação pretendida no ensino superior (principalmente), muito depende da postura que o professor adquire em sua didática, pois ambas devem contemplar a possibilidade de cooperação e de participação de todos para que o sentido da comunicação sobressaia (FLANDRES, 1994).

Com uma visão mais correta do ponto de vista de teoria e prática, o Aluno i (anexo 2), relatou que “melhora desde que o professor contribua e o aluno demonstre interesse”.

Quanto a isso, Lemos (2004, p.9) considera que a “sociedade da informação impõe ao alcance dos sujeitos, espaços e formas de interação nunca antes sonhados pela maioria daquele que usufruem”. Isso decreta uma forma inteligente de se utilizar os novos meios e ferramentas de comunicação e informação. Nesta embarcação, surge a tríade: ambiente tecnológico, professor e aluno. O professor que atribuirá um sentido ao ambiente, é ele que define a utilização desse espaço. O ambiente tecnológico é estruturado diferente um do outro, apresentado as possibilidades de trabalho com a comunicação, com o intercambio de informação. E o aluno, que interage a partir da estrutura oferecida (LEMOS, 2004).

Como Orlandi (2004) explica, quando falamos em tecnologia, não podemos ser ingênuos à respeito dos crimes, por exemplo, que são engendrados dentro da própria rede. Para esclarecer, Orlandi (2004) traça explicações de que a tecnologia está em nosso cotidiano e é utilizada e produzida em diversos contextos, a partir de diferentes paradigmas, sob as distintas condições sócio históricas, econômicas e políticas.

A respeito disso, Sampaio e Leite (1999, p.13), manifestam que:

[...] ao transformar, ao longo do tempo, as formas de produzir e reproduzir os meios de sua própria sobrevivência, o ser humano modificou também suas relações humanas e com a natureza. As tecnologias que criou – desde a roda até o computador – geraram transformações na maneira de se comunicar, produzindo meios de comunicação cada vez mais complexos.

Para Lévy (2008), justamente por toda essa multiplicidade, desde o século XX, quando entramos na sociedade tecnológica, é que o professor deve ser os pontos que se originam de qualquer parte e se dirigem para quaisquer pontos, isto é, um rizoma.

*Questão 6:* Na disciplina em que a comunicação comercial é o foco, o professor costuma utilizar algum recurso tecnológico para auxiliar a aula? Se sim, você acha que a ferramenta utilizada realmente colabora para melhor entendimento do conteúdo?

O objetivo da questão seis era saber se a tecnologia (quando utilizada) está sendo eficaz, mas, as respostas foram muito resumidas. Todos descreveram que o professor costuma utilizar a tecnologia em sala de aula e a maioria explicou simplesmente que “melhora” o entendimento. No entanto, dois alunos, L e H completaram explanando que é “melhor quando o professor colabora”, “explica”. Tal complementação deixa-nos entender que nem sempre a explicação é aliada aos slides do power point, por exemplo. Quando isso acontece, a tecnologia acaba sendo apenas uma parafernália

À memória, vale lembrar do que foi descrito anteriormente, para Levy (2008), quando falamos em novos textos e automaticamente no incentivo às aulas de Português (já que não existe português sem leitura, interpretação e produção textual), lembramos da cibercultura, que se emerge e se transforma no ciberespaço. Para o autor, a cibercultura está relacionado a dimensão da humanidade. Assim, como afirma Casterls (1999): “o que caracteriza a atual evolução tecnológica é a capacidade humana de utilizar as ferramentas tecnológicas da informação e comunicação com meios para a produção da sociedade”. Essa transformação na cultura, provoca transformações em diversos setores, na educação, por exemplo, emerge a necessidade da formação permanente, o indivíduo nunca está acabado, precisa estar sempre se constituindo numa formação flexível.

*Questão 7:* Você acredita que se o professor deixar seus alunos utilizarem o computador regularmente em sala, a aula será melhor aproveitada?

Referente ao uso do computador em sala de aula (o que é um dilema), apenas um aluno defendeu que sem dúvida seria viável a utilização (ALUNO J). Os demais, ou assinalaram que deve ser direcionado apenas trabalho em casa com o computador, ou que o computador é uma distração em sala, ou que depende do aluno (e esta última opção acaba confirmando que a atitude de um aluno pode acabar com a aula planejada).

Com as respostas alcançadas, temos uma contrariedade com o que sustenta Pozo (2002), quando diz que os adultos são sensíveis aos fatores externos, mas são os internos que motivam a aprendizagem, isto é, a curiosidade, o interesse pelo assunto e a vontade de estudar ocorre quando o adulto relaciona realidade com o conteúdo. Porém, mesmo que essa realidade esteja sendo explanada, com o computador em sala a ligação acaba sendo desfeita, pois a distração da máquina é maior. O que podemos entender disso, é que os alunos preferem que o professor utilize a tecnologia em sala de aula, e não ele. Também, há uma controvérsia sobre o conceito de andragogia, já que como ilustrado na tabela desenvolvida neste trabalho, o adulto tem conscientização da responsabilidade das suas decisões.

Regazzi (2005) aponta algumas contribuições que a tecnologia pode trazer pra a educação, isto é, motivam o aprendizado, acompanham aos desiguais ritmos e estilos, estimulam o trabalho cooperativo, sofrem e desencadeiam modificações e alteram técnicas de comunicação e expressão.

Silva (2001), atesta que a bidirecionalidade idade e a hibridação do ambiente virtual possibilita a harmonia dos dois polos de comunicação: receptor e emissor. É por isso que o conceito de bidirecionalidade se opõe à lógica unívoca, que separa emissão e recepção, emissor e receptor. De acordo com o autor, a interatividade é incluída obrigatoriamente nessa relação tecnológica de hipertexto e hipermídia. Hoje, somos portadores de um princípio interativo que aceita a navegação aleatória, o armazenamento de conhecimentos e também liberdade de combiná-las (permutabilidade) e produzir histórias possíveis (potencialidades). Por meio desta imprevisibilidade, podemos chegar a lugares que nunca imaginamos, e é por isso que o autor chama esse meio computacional de um “convite à exploração”.

*Questão 8:* Você se lembra de alguma aula que tenha tido o auxílio da tecnologia e que você tenha achado produtiva? Se sim, qual? Por quê?

De forma não esperada, alguns alunos referiram-se às aulas que tiveram produtividade com a tecnologia, de forma pouco interessada. Descreveram que já

tiveram alguma aula interessante, mas, não lembra-se com especificidade. Outros relataram lembrar, mas apenas um dos entrevistados (aluno D, anexo 2) informou que a aula que tenha tido o auxílio da tecnologia e que tenha achado essa aula produtiva foi uma das disciplinas lecionadas pelos professores que foram nossos colaboradores, isto é, as disciplinas que abordam a língua portuguesa como forma de expressão.

*Questão 9:* Você tem alguma sugestão para melhorar a aula de língua portuguesa, comunicação ou expressão oral ou escrita com o auxílio da tecnologia?

Como sugestão para melhorar a aula de “língua portuguesa”, isto é, a disciplina que trabalhe o conteúdo da comunicação, o aluno G disse não precisar, pois “já estão muito boas”, outros indicaram a leitura (a qual foi descrita no questionário dos professores como sendo muito utilizada), outros disseram não lembrar e outros recomendaram filmes e vídeos.

Pimenta e Anasatasiou (2002) acreditam que muitas vezes as características reais dos alunos do Ensino Superior não são objeto de preocupação do professor que, ao entrar na sala de aula, já os identifica como futuros profissionais da área tendo um expectativa muito elevada em relação ao desempenho deles. Ainda como esclarecem Pimenta e Anastasiou (2002, p.229), “cabe aos professores, institucionalmente organizados, proceder ao conhecimento e à identificação de seus alunos, o que pensam, que sabem, suas expectativas, a visão que têm do que é ser profissional na área escolhida”. Vale ressaltar a ideia de Pelissari (2011), a qual explica que o aluno do Ensino Superior pode ser também um professor, por exemplo, mas que naquele momento está atuando como aluno, pois deseja aprender algo mais sobre determinada carreira, seja na área em que já atua, sem em outra.

*Questão 10:* Em termos de comunicação para um ambiente profissional, em qual ou quais das alternativas citadas você se enquadra:

A última questão, refere-se à própria avaliação do aluno, isto é, como ele pensa ser, quais suas dificuldades com a linguagem. A maioria relatou não ter obstáculos, porque dominam a linguagem formal e informal e sabem diferenciar uma situação da outra. O aluno C assinalou a opção que demonstra ser uma pessoa tímida e não sabe falar em público, mas que escreve bem. O aluno K informou ainda ter algumas dúvidas sobre qual linguagem utilizar e os alunos E e F relataram até ter boa argumentação, mas, que se o chefe solicitar que escrevam um ofício ou outro documento no *word*, terão que buscar informações.



Alguns garantem-se tanto da oralidade como na escrita, outros têm dificuldade em um, ou em outro. O que não pode acontecer é que formem-se profissionais que ainda tenham esse empecilho. Sempre existirão pessoas com qualidades, facilidades diferentes, mas a vida profissional e social normal, exige que o indivíduo saiba e domine um pouco das duas.

Conforme os PCN (1998), a língua é empregada de modo heterogêneo, seu uso varia de época para época por diversos fatores como a região, faixa etária, classe social, profissão e, dentro destas, diversificam-se ainda os níveis de variação linguística, podendo ser fonológico (como a maneira de pronunciar as consoantes), nível morfossintático (quando a concordância entre o sujeito e verbo não acontece, por exemplo) e nível vocabular (com gírias).

Os PCN (1998) sustentam ainda que a escrita é um pouco mais complexa que a oralidade e geralmente não é idêntica e logo ninguém escreve como fala. Também, quando se fala sobre a forma correta de escrever e falar, o uso rotineiro da língua não é analisado como sensato; isso porque, em uma sociedade na qual as pessoas valorizam mais a escrita, a propensão é o emprego da língua padrão.

## 5. CONCLUSÃO

A primeira fundamentação deste trabalho se deu para que se conhecesse um pouco sobre a história do Ensino superior no Brasil, para então saber quais seus objetivos e finalidades. Por isso, entendeu-se que o esperado é que o aluno saia formado para que tenha sucesso na sua carreira profissional, sabendo atuar em diversos contextos, estando atualizado ao que o mercado solicita, que saiba agir com prudência, que faça uso correto da linguagem para retornar situações, que tenham indícios corretos sobre as dimensões sociais, culturais e materiais do Brasil.

Por esta razão, a teoria deste estudo foi aprofundada nas concepções de linguagem e nas reflexões que norteiam a oralidade e a escrita trabalhadas no processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que o sistema linguístico (assim como outros) está sujeito a variações, principalmente pelo uso da tecnologia. Neste caso, o papel do professor fica cada vez mais difícil, mais trabalhoso, mais estudioso, isto é, o professor precisa ser eterno estudante e atuar como decodificador de mensagem que vem através destes novos meios. Desta forma, foi necessário abordar o seu papel, o papel do aluno e suas características no ensino superior, assim como as tecnologias utilizadas por ambos.

Quando se pensa em novas tecnologias na educação, é preciso refletir em uma aula dinâmica e coerente que proporcione possibilidades e condições para aproveitá-las de forma sinérgica, isto é, que leve em conta aspectos cooperativos das diferentes áreas dos conhecimentos envolvidas, e respectivamente, criar as situações educativas favoráveis e inovadoras, tão admiráveis na flexibilização dos conteúdos de ensino-aprendizagem na formação dos atuais alunos.

O experimento demonstrou que é possível implantar uma cultura das novas tecnologias em todo o ambiente acadêmico se considerarmos que naturalmente será delongada aos alunos. Ou seja, o docente não só estará empregando meios para ministrar suas aulas, senão também poderá cooperar para melhor o processo de ensino –aprendizagem ao avaliar periodicamente a qualidade e eficiência dos artifícios, o que, conseqüentemente, lhe consentirá aprimorar suas aulas e com o tempo ter o domínio pelo das mesmas.

Mesmo sendo viável e se bem trabalhada, eficaz, o uso da tecnologia em sala de aula não tem sido utilizada por todos os professores. E, muitos alunos também dizem que gostam da utilização, porém confessam que ainda há uma imaturidade por parte de alguns colegas, por isso a liberação do uso do computador em sala de aula, por exemplo, acaba não sendo uma boa opção.

Dos cursos pesquisados, Ciências Contábeis, Administração e Gestão Comercial, todos os professores de língua portuguesa (ou comunicação) relataram ter disponível equipamentos de tecnologia na instituição, descreveram também acharem importante o uso da mesma em sala de aula, porém apenas um descreveu utilizá-la e ter mais conhecimento sobre *softwares* e programas de apoio ao ensino-aprendizagem. No que tange à prática da oralidade e escrita, percebe-se que os professores trabalham ambas, todavia, de forma tradicional, com seminários, palestras, textos dissertativos, artigos, resumos etc. Estes gêneros nunca poderão deixar de estar presentes na vida acadêmica, no entanto, para que se possa realizar uma palestra, que tipo de ferramentas esses alunos têm utilizado? E o professor, direciona e esclarece a atividade? O próprio docente faz uso da tecnologia em sala de aula de modo eficaz? Saber que é importante não basta, o professor precisa ser diferente e prender a atenção do aluno. De nada adianta avaliar uma atividade se nem mesmo ele sabe como se utiliza um programa, e nem pode dar outras opções para os acadêmicos porque não tem conhecimento.

Ainda permanecem esses questionamentos pelo motivo de que nas perguntas referente à lembrança que o aluno tem sobre alguma aula com a tecnologia aplicada, esta tenha sido produtiva, poucos citaram lembrar das aulas de língua portuguesa. Além disso, falaram apenas em filmes e vídeos. Não é que sejam desnecessários, pelo contrário, são excepcionais ferramentas para o ensino, porém, não somente elas. Os professores que ainda utilizam a tecnologia, que tentam utilizar, têm se detido apenas nisso.

Um dos professores até citou a produção textual em forma de “fórum”, mas não sabemos como ela é desenvolvida, pois não foi descrito. Será pelo computador, na internet? Faltou-nos uma conversa informal com os professores (que não puderam colaborar) ou uma observação às aulas.

Permanecemos ainda muito na teoria e pouco na prática. Como descreve Pozo (2002), os adultos são sensíveis aos fatores externos, mas são os internos que os motivam à aprendizagem, isto é, a curiosidade, o interesse pelo assunto e a vontade de estudar ocorre quando o adulto relaciona isso com sua vida particular, ou com a vida profissional que espera construir.

Com relação aos trabalhos de produção textual e oralidade, sugeridos pelos professores, Jacobini (2003) afirma que estas, na vida acadêmica, deve sempre estar presente desde o primeiro contato professor-aluno, a partir do momento que o curso inicia. O autor reforça que os universitários devem receber todo o esclarecimento sobre os princípios de um projeto acadêmico\científico e sobre a estrutura de resumos, fichamentos, resenhas etc. De nada adianta aplicar a produção do artigo ou relatório sem antes explicar as fases mencionadas, pois a descrição e o processo são essenciais para o término do produto.

A respeito da produção escrita com acesso à tecnologia, Levy (1993) consolida que nos ciberespaços, através do hipertexto, o usuário escreve e lê, alterando o papel oral para autor-escritor, ora para espectador-leitor. A relação de quem propõe o conteúdo e quem recebe o conteúdo é bastante diversificada, ou seja, a interação e democracia na medida do acesso, é vista a todo momento. O autor ainda destaca que o ambiente virtual é composto por duas características importantíssimas: a polifonia e a polissemia. Em outras palavras, pode-se falar, que há uma junção de infinitas vozes e olhares que resultam em diversos sentidos. Quando estamos nesses ambientes computacionais, cabe dizer, que estamos em uma construção coletiva de pensamentos, pois há uma heterogeneidade de sujeitos.

Para não nos precipitarmos, podemos dizer que ainda restou-nos uma dúvida, em palavras de Perrenoud (2000, p. 139), “a verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como auxílio ao ensino, para dar somente aulas bem ilustradas por apresentação multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem”.

É superficial concluir que o potencial tecnológico existente, enquanto uma técnica a mais ser utilizada em sala de aula resolverá todas as quinças e ou problemas pedagógicos. O sentido e o uso dependerão dos contextos e dos objetivos.

Finalizamos insistindo no estudo constante dos professores na consciência de que a língua, oral ou escrita, precisa estar presente no ensino superior. Que os professores que não fazem esse avanço na interpretação do conteúdo, renovem sua forma de pensar. As contribuições aqui relatadas não trazem fórmulas. Como dissemos, o educador é o único que determina o papel dos instrumentos na sala de aula, pois a cada aula preparada e registrada, existe a possibilidade de criar novamente, reconstruindo conforme os objetivos pretendidos.

Ninguém, nem professor, é obrigada a saber tudo, no entanto, “ninguém é tão grande que não possa aprender e nem tão pequeno que não possa ensinar” FREIRE, 1982).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Filho. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ASSIS, Juliana Alves. Ensino-aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de ensino e de trabalho. In: COSCARELLI, Carla Viana & RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: CEALE, 2005. P 209-240.

BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1989.

BACHA, M.L. **Leitura na Primeira Série**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1975. 263 p.

BONINI, A. **Metodologias do Ensino de Produção Textual: A Perspectiva da Enunciação e o Papel da Psicolinguística**. Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. 1, 2000.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Além dos meios e mensagens : introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência** petrópolis: vozes, 1995. 110 p.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 312p, il.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei N. 9.394, de 20 de novembro de 1996.

BRASIL. Ministérios da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: 1998  
BRITTO, L.P.L. Em terra de surdos-mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. *In*: GERALDI, J.W. (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

CANDAU, V. M. (org). **A Didática em Questão**. Petrópolis, Vozes ; 1994.

CARDOSO, S.H.B. **Linguagem e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Diversidade e ensino do português (reflexões sobre o ensino-aprendizagem da língua materna no 1º grau). *In*: ESTUDOS: **linguísticos e literários**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, n. 14, dezembro. 1992. p. 127-140.

CAROLINA, Maria. **A importância da leitura**. Artigo disponível em: [http://www.colegiosantamaria.com.br/aprenda-mais/artigos/ver.asp?artigo\\_id=2](http://www.colegiosantamaria.com.br/aprenda-mais/artigos/ver.asp?artigo_id=2) publicado em: 11 de agosto de 2006.

CASTANHO, Sérgio E. M. A universidade entre o sim, o não e o talvez. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (orgs.). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

CASTANHO, S. & CASTANHO M. E.(Orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior** . Campinas, Papyrus, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CSIKSZENTMIHALY, M. **A descoberta do fluxo**. Psicologia do envolvimento com a vida cotidiana, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOURADO, Luiz Fernandes. Reforma do Estado e as Políticas para a Educação Superior no Brasil nos anos 90. In: **Educação & Sociedade: Revista de Ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 235 a 253.

FLANDRES, H. Softwares para algebra: o que devem ser? In: COXFORD, A., SHULTE, A. (Orgs). **As idéias da Álgebra**. Tradução de Hygino H. Domingues. São Paulo: Atual, 1994. p. 171-174.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982. 96 p.  
 \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 27ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (tradução de: Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FRESCKI, Franciele Buss. **Avaliação da qualidade de softwares educacionais para o ensino de álgebra**. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/MATEMATICA/Monografia\\_Fran.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Monografia_Fran.pdf). Publicado em: 2008. Consultado em: setembro de 2012.

GAMEZ, L. **Técnica de inspeção de conformidade ergonômica de software educacional**. Portugal, 1998. Dissertação de mestrado em Engenharia Humana. Universidade do Minho.

GARCIA, Lenise Aparecida Martins Garcia. **Competências e Habilidades: você sabe lidar com isso?** Educação e Ciência On-line, Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em:  
[http://www.educacao.es.gov.br/download/roteiro1\\_competenciasehabilidades.pdf](http://www.educacao.es.gov.br/download/roteiro1_competenciasehabilidades.pdf)  
 Acesso em: 12 jan. 2005.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 2ªed. São Paulo: Ática, 1999.

GIL, A. Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Didática do Ensino Superior*. São Paulo, editora Atlas, 2006.

GOMES, Celso Pimentel. **Software livre na educação**. Disponível em:  
[http://www.oficinadanet.com.br/artigo/1288/software\\_livre\\_na\\_educacao](http://www.oficinadanet.com.br/artigo/1288/software_livre_na_educacao) . Publicado em: novembro de 2008. Consultado em setembro de 2012.



GRINBERG, Keila. **Escrita é tecnologia.** Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/escrita-e-tecnologia> . Publicado em: agosto, 2011. Consultado em: outubro, 2012.

JACOBINI, Maria Letícia de Paiva. **Metodologia do trabalho acadêmico.** Campinas, SP: Alínea, 2003.

KNOWLES, Malcolm. **The Adult Learner a Neglected Species.** Gulf Publishin Compano. Houston, 1976.

LEMOS, André. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. *In:* LEMOS, André (Org). **Cibercidade: as cidades na cibercultura.** Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004, p. 19-26.

LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?.** Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 2008.

LÉVY, PIERRE. **Educação e Cibercultura.** [http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=168&ID=29&P\\_aramEnd=9](http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=168&ID=29&P_aramEnd=9). 1993. Consultado em: outubro de 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M.S.L. **A formação contínua dos professores nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

LOLLINI, P. **Didática e Computador: quando e como a informática na escola.** Ed. Loyola, 1985.

MADALENO, Ana Claudia. **A importância da Língua Portuguesa para a carreira.** Publicado em 2007, disponível em: <http://www.aprendervirtual.com.br/artigoInterna.php?ID=57&IDx=273>

MAGALHÃES, Yana Torres de; OLIVEIRA, Daysa Andrade; DUARTE, Miriam Barros Assis. Professores universitários: competências necessárias e exercidas por docentes de cursos de administração de Minas Gerais. *IN:* SEMEAD – SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO. **Anais...**set. 2010, p. 1 -17.

MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda C. e BORTONIRICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2007.

MASETTO, Marcos T. (Org.) **Docência na universidade**. Campinas-SP: Papirus, 1998. (coleção Práxis)

MAYO, Peter. **Gramsci, Freire e a educação de adulto: possibilidades para uma ação transformadora**. Porto Alegre: Artmed, 2004. (Tradução de: Carlos Alberto Silveira Netto Soares).

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PAVIANI, N. M. S; DAMIANI, Suzana. Caracterização de “erros” de português em situações de uso oral e escrito da língua e reflexões linguístico pedagógicas. In: DAMIANI, Suzana et al (Org.). **Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas**. 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, v. 1, 2001. p. 143-191.

PELISSARI, Adriana Regina Marques de Souza. **Unidade IV – formação de professores para o Ensino Superior**. UNIP – Univesidade Paulista, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Lisboa : Dom Quixote, 1993.

\_\_\_\_\_. Entre a família e a escola, a criança mensageira e mensagem In PERRENOUD, Philippe (1995) – **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora. Pág. 29-56.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do Ensino Fundamental**. 26 ed. São Paulo: Ática, 2007.

PIMENTA, S. G, e ANASTASIOU, L. G. C. **Docência do ensino superior**. São Paulo, Cortez. 2002.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

POZO, J.I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAGAZZI, Vivian. *Tecnologia na escola: um sonho possível*. Disponível em: [http://www.microsoft.com/brasil/educacao/parceiro/palestra\\_greg\\_final.msp](http://www.microsoft.com/brasil/educacao/parceiro/palestra_greg_final.msp). Publicado em: 2005. Consultado em: setembro de 2012.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese**. Blumenau: Acadêmica, 2003.

REYZABAL, M. Victória. **A Comunicação Oral e sua Didática**. Editora: Edusc, 1999.

RODRIGES, Aryon Dall'Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: **Linguística da norma**. BAGNO. Marcos (org). Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004.

SAMPAIO, Marisa Narcizo e LEITE, Lúcia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis. RJ. Vozes, 1999.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SILVA, Marco. SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem da educação online**. São Paulo. Loyola. 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed. 3. reimpr. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

STALLIVIERI, Luciane. **O sistema do Ensino Superior no Brasil: características, tendências, e perspectivas**. Caxias do Sul, 2012.

STOLZMANN, W. "**Learning Classifier Systems using the Cognitive Mechanism of Anticipatory Behavioural Control, detailed version**.", Proceedings of the First European Workshop on Cognitive Modelling, pag. 82-89, Berlin: TU, 1999.

SUASSUNA, Lúcia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

TERRA, Ernani e NICOLA, José. **Português – De olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Scipione, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 1997.

TREVISAN, Eunice Maria Castegnaro. **Leitura: coerência e conhecimento prévio.** Santa Maria: UFSM, 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **O Currículo Organizado em Ciclos de Formação. Coordenação do Trabalho Pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao Cotidiano da sala de aula, 6ª ed. São Paulo: Libertad, 2005.

ZABALZA, Miguel. A. **O ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 239.

ZAHAR, cristina. Roger Chartier: **"os livros resistirão às tecnologias digitais".** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistirao-tecnologias-digitais-610077.shtml>. Publicado em setembro de 2012. Consultado em: outubro de 2012.

## APÊNDICE A

### Questionário direcionado aos professores

**1)** Em quais cursos superiores o Sr(a) leciona?

Administração                       Gestão Comercial                       Ciências Contábeis

**2)** Com quais disciplinas?

Comunicação e Expressão  
 Comunicação e Marketing Pessoal  
 Expressão oral e Escrita  
 Língua Portuguesa  
 outra \_\_\_\_\_

**3)** As disciplinas citadas acima têm relação com a prática da Língua Portuguesa na vida social. Quais atividades o Sr(a) considera importante realizar para que o ensino-aprendizagem aconteça?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**4)** Possui computador em condições de acesso e uso da internet?

Sim                       Não

**5)** Quanto à utilização da internet

a) Tem - MSN \_\_\_\_\_ orkut \_\_\_\_\_ e-mail \_\_\_\_\_ como forma de comunicação.

b) Realiza pesquisa regularmente? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

c) Lê notícias diariamente? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Quando tenho tempo \_\_\_\_\_

**6)** Que programas você utiliza regularmente?

Word     excel     power point     Corel draw     Photoshop     outros

**7) Que softwares didáticos você conhece?**

---

**8) O Sr (a) consegue materializar suas ideias utilizando os programas que conhece?**

Sim                                     Não                                     tenho dificuldades

**9) Considera que há alguma diferença entre a aula aplicada com o ajuda da tecnologia para a aula trabalhada sem a utilização deste recurso? Se sim, quais?**

---

**10) Quais destes recursos estão disponíveis para suas aulas?**

Quadro Negro     Quadro Branco     Livro didático     Data Show  
 Computadores para uso do docente     Sala de informática  
 Copiadora             TV                                     DVD  
 Retroprojeter     Internet via rádio  
 internet Banda Larga                                     Impressora

**11) Como o Sr (a) classifica a seriedade da utilização de recursos tecnológicos (Midiáticos e audiovisuais) nas aulas como um influente potencializador de aprendizagem?**

não faz diferença  
 pouco importante  
 importante  
 de grande Importância  
 essencial

**12) Dentre os itens abaixo, quais o Sr (a) avalia como um tema/estratégia que instigue seus alunos a apreciarem o Português?**

Avanços tecnológicos  
 Filmes  
 Noticias sobre novas descobertas  
 Implicações na Sociedade  
 livros  
 Visitas técnicas  
 Situações do cotidiano  
 jogos educacionais  
 Outros. Quais? \_\_\_\_\_

**13) O Sr (a) costuma trabalhar a oralidade e a escrita nas aulas? De que forma?**

---

---

## APÊNDICE B

### Questionário aos estudantes

1) De qual curso abaixo você é aluno?

Administração                       Gestão Comercial                       Ciências Contábeis  
Período: \_\_\_\_\_

2) Possui computador em condições de acesso e uso da internet?

Sim                       Não

3) Quanto à utilização da internet

a) Tem - MSN \_\_\_\_\_ orkut \_\_\_\_\_ e-mail \_\_\_\_\_ como forma de comunicação.

b) Realiza pesquisa regularmente? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

d) Lê notícias diariamente? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Quando tenho tempo \_\_\_\_\_

4) Que programas você utiliza com frequência?

Word     excel     power point     Corel draw     Photoshop     outros

5) Com relação à prática da língua portuguesa, você acha que o uso da internet melhora ou influencia negativamente? Explique.

---

---

6) Na disciplina em que a comunicação comercial é o foco, o professor costuma utilizar algum recurso tecnológico para auxiliar a aula? Se sim, você acha que a ferramenta utilizada realmente colabora para melhor entendimento do conteúdo?

---

---

7) Você acredita que se o professor deixar seus alunos utilizarem o computador regularmente em sala, a aula será melhor aproveitada?

- Com certeza.
- Talvez, depende do aluno.
- Não, o computador acaba sendo uma distração.
- Não, o professor deve apenas passar trabalhos e atividades para serem feitas em casa, com o uso do computador.

8) Você se lembra de alguma aula que tenha tido o auxílio da tecnologia e que você tenha achado produtiva? Se sim, qual? Por quê?

---

9) Você tem alguma sugestão para melhorar a aula de língua portuguesa, comunicação ou expressão oral e escrita com o auxílio da tecnologia?

---

---

10) Em termos de comunicação para um ambiente profissional, em qual ou quais das alternativas abaixo você se enquadra:

- Sou tímido, não sei falar em público, mas, sei escrever bem.
- Tenho boa argumentação.
- Sei utilizar a língua forma e informal, diferenciando uma da outra conforme o contexto da conversa.
- Utilizo muitas abreviações quando escrevo no computador.
- Se meu chefe pedir para escrever um ofício ou outro documento, não saberei como proceder, tendo que buscar informação na internet.
- Domino tudo em relação a linguagem oral, escrita e utilização da tecnologia. Não terei problemas.
- Tenho que aprender a produzir documentos no Word.
- Tenho ainda algumas dúvidas em relação ao tipo de linguagem que devo usar em meu ambiente de trabalho.